

Zé Pesado

[Higino Rolim Filho]

C ONTOS E R ECORDAÇÕES

Ad perpetuam “**REI**” memoriam.

A minha esposa
Maria Dalva Porto Rolim

A meus filhos:

Mônica Rebouças Rolim Porto
João Cristiano Rebouças Rolim
Isabel Gardênia Rolim Braga.

A meus netinhos:

Felipe Rolim Braga,
Cristiane Rolim Braga,
Diego Rolim Porto e
Beatriz Leite Brito Rolim



Felizes éramos todos nós...
Eu, minha esposa e Neidinha,
Minha rainha.

APRESENTAÇÃO

[...] cabe-me na oportunidade ressaltar que Higino sabe narrar, manipulando com muita aptidão o diálogo – esplêndido em muitas ocasiões -... e cultivar, por eleição pessoal, o interesse pelo cotidiano, principalmente doméstico.

A prova, do que exprimo, está notadamente em “A Professorinha”, “O Babaca” e “O Negrinho do Canavial”. Quem escreveu “A Professorinha” sabe que se está inaugurando no gênero literário mais difícil. Ir adiante, dependerá apenas do autor, quando decidir deixar em outro nível de preocupações literárias o resgate de episódios que, de uma forma ou de outra – o que é também bem compreensível – fazem parte de sua existência cheia de inesperadas experiências.

Em rigor não é freqüente a junção de contos e memórias num mesmo plano editorial, mas também não rara. O importante é que o autor, com o dom do diálogo e da exposição vívida e franca, sabe conduzir-se em ambas as situações literárias, que criou, com bastante apuro.

A respeito de “Neidinha” (contos e recordações), o contista José Maria Moreira Campos – escritor que conhece todos os rudimentos da arte da narração curta – afirmou: “Gostei do livro de Higino Rolim”.

É o que, temos certeza, dirão no mesmo tom os seus cordiais leitores.

Eduardo Campos.

Observação: Apresentação nº 2 do livro “Neidinha – Contos e Recordações” que ora publicamos, em 2ª. edição, melhorada, expurgada e acrescida, sob o nome de “Zé Pesado – Contos e Recordações”, que poderíamos traduzir, por

conta dos acréscimos, como “Momentos de Emoções”, pois, em todos os nossos escritos, temos como preocupação maior **transmitir emoções**.

A VERDADEIRA HISTÓRIA DE AMOR

“Era tudo escuridão,
antes de o Amor nascer “.

Lúcio de Oliva.

A todas as Leilinhas da vida,
com muito afeto e carinho.
Maio de 1984. Praias de Icarai.

Aposentado. Para passar o tempo e curar seu stress, o divertimento era pescar. Resolveu ir, um dia, para a barraca do Raí, na ponta do Pacheco. A essa ponta, à tardinha, os barcos de pesca aportam, trazendo o resultado de um ou mais dias de trabalho ou, simplesmente, vão até as caçoeiras fazer a coleta vespertina do pescado. É gostoso de se ver a faina dos pescadores. Sua organização. Há trabalho para todos e cada um sabe o que deve e pode fazer. É trabalho viril. Pesca artesanal, no braço a braço. Peso pesado. Barcos arrastados pela areia, rolando sobre barrotes de carnaubeiras. Serviço para homem. Os velhinhos, aposentados, também trabalham tratando os peixes e consertando as redes das caçoeiras. Os rapazes robustos se aventuram mar adentro. A criança ajuda como pode e faz seu aprendizado, para substituir os que vão envelhecendo ou se mudando para outras

ocupações.

Era uma festa. Enquanto espera a chegada dos barcos, vai fazendo sua pescaria de molinete ou, à beira d'água, de linha de mão. Garrafa. Aqui, acolá, arrasta um peixinho. Carapeba, parum, moréia. Peixes de pedra. Coloca o anzol n'água e vai palestrar com os velhos lobos-do-mar. Ouvir estórias de pescador. Mentiras. Vantagens. Lorotas. Heroísmo. Nenhum deles tem estórias para contar, nem histórias, onde fazem papel feio. Todo mundo tem façanhas e aventuras a relembrar em que figuram como heróis.

“... ano de 1927. O melhor para a pesca. Igual ao de 1924. A gente vivia à farta. E o ano de 1944? Naquele inverno maluco, os cardumes de peixes chega escureciam essas águas aqui, bem pertinho da praia. Parece que tinham resolvido fazer a piracema do ano, aqui, nas praias de Icarai, principalmente nas pedras do Pacheco.”

O senhor sabe o que é piracema?

Não.

É a festa do namoro dos peixes. A desova. É aquele bacanal!

“... você se lembra daquele mero, de mais de setenta quilos que nós ajudamos àqueles meninos a arrastar? Eles tinham jogado no mar uma bóia com treze anzóis e ela havia sumido. Dias depois aparece. Eles foram, de barquinho, até quase na risca e não puderam arrastar o peixão. Aí nós fomos. Eu, mestre Fulgêncio e Firmino. Era o tal mero. Aí nós arrastamos o monstro. Ao partir a barriga do bichão, havia dentro um bagre de uns três quilos, e na barriga do bagre, os anzóis dos meninos. Eles tinham fisgado o mero com a isca do bagre.”

“... e aquela arraia gigante que passou dois dia, arrastando meu barco, pra lá e pra cá, na beira e na risca, no raso e no fundo, sem se cansá. E nós sigurano ela. Voceis se alembram? Dispois,

amarremo outro barco no meu e a arraia arrastava os dois barco com os cinco pescador em cima! Teve um momento qui parece a danada se “insprítô” e arrastô nós para o mar profundo, o marzão azú. Ai nós desistiu. Foi uma pena! Já pensô se, em vêis de tá contano essa istora, eu tivesse, pra mostrá, o ferção da danada? Aí voceis ia acreditá.”

“... eu arriscordo foi aquela sumana qui a gente nem pôde pescá pru mode os boto. Os delfim. Passaro numa sumana, de cá pra lá e de lá pra cá, inspantando os peixe. Pois é. São bunitin de se vê... mais atrapaia a pescaria. É a gente botá o barco na água e eles vem nus acompanhá. Eles inspanta tudo e nós num pega nada. É munto mais mió a gente ficá interra... ficá interra...”

Nessa altura, sente uma fisgada no molinete, de entortar a vara. Todo mundo grita, de uma só vez: “Eita peixão dos infernos! Benza-te Deus!” E ele arrastando. Bichão pesado.

É uma arraia!

É bem aquela que o cumpade deixou escapar, num é Benedito?

Meninos! Minha istóra é verdadêra!

Não é arraia, não!

Por quê?

Porque não gruda na areia.

Então é um pampo dos grandes! Pesa muito?

Ora se pesa!

Então é pampo, mesmo!

Não é pampo, não, gente! Pampo é brigão. Esse só faz é pesar e nada mais.

Ih!... Vai ver que é uma moréia... ou um bagre dos grandes!

Não é nem bagre dos grandes, nem arraia, nem pampo, nem moréia.

É só um baiacu e dos grandões! Tiraram o couro dele.

Pescar baiacu, cá para nós, tanto dá raiva, como traz azar para o pescador. O peso é grande. O “caba” se anima pensando em um peixe de valor, e grande... quando vem uma porqueirinha que não

serve para nada.

Sem se zangar, ri muito com a turma e lança de novo, seus nove anzóis n'água. Dois molinetes, com seis, e uma garrafa, com mais três anzóis. Tem a precaução de mudar de local, para fugir dos baiacus.

Mais tarde, quando vai retirar os anzóis, estão enganchados nas pedras. Perde tudo: chumbada, chicotes, anzóis, encastoamentos e alguns metros de linha. Encabulado...

Desistiu de pescar, companheiro?

É melhor ficar escutando “Estórias” de pescadores. O baiacu me trouxe azar. Fico nas mentiras. “aqui neste bar, se reúnem pescadores, caçadores, viajantes e outros mentirosos”, não é mesmo?

Lá, num canto, numa mesa solitária, uma senhora, morena, bonitona. Pergunta quem é. Nenhum pescador a conhece. “Sempre é vista num casarão, lá no alto daquelas muralhas vermelhas”.

Quando já se arruma para voltar para Icaraiá, uma velhinha, quase cega, corcunda, enrodilhada, carcomida, encriquilhada, boca mole, desdentada, o puxa pelo braço e lhe diz:

Eu cunheço a histora dela. Senta aqui qui eu vou contá tudim. “Moço, é pra gente ter pena dela. Sua história é triste!” É a história do amô dum véio por uma criança. Num é, propriamente, dum véio, mas dum ome maduro. Nem é uma criança... mas uma mocinha, adolescente ainda.

E a velhinha continua, baixinho, como quem conta um segredo:

Veve sozinha. Calada. Num tem amigos. Dói, qui ela é nova, bonita, bem conservada. Saiu de casa, aqui bem perto, ainda menina, fugindo de um namorado. Tinha somente 12 ano. Foi posta na rua. A mãe expulsô ela de casa. Se mandô pra Fortaleza. Pra capitá. Lá teve vários amô. Muitas decepção. Sofreu muito. Entregou-se ao vício.

E, quase imperceptível:

A puliça istourô uma boca-de-fumo em sua casa, lá dela. Foi presa. Seu próprio irmãozim menó, maconhêro, levava amiguinhos para a irmãzinha. Fa-zi-am ba-ca-ná!

Pára um pouco e, mudando o tom da voz:

Sonha com um grande amô que diz teve. Um senhô de idade, muito bom, que a amparô, a orientô, a ajudô, a defendeu de seus perseguidô... fez ela istudá e por quem, dispois, ela se apaixonô, perdidamente.

Novamente em tom de segredo:

Seu protetô se transformô im sua perdição. Pru mode ele é que, hoje, ela tá naquele estado. O caso deles foi muito comentado. Se amaram muito. Mais ele num era protetô coisa nenhuma! Ele era um aproveitadô. Explorô a coitadinha e dispois, a dêxou na rua da amargura, abandonada, ainda novinha. 18 anos... se me alembro bem.

Olhando para seu velho, ao lado:

Esses ome são assim mêrmo. Por isso nunca quis nenhum. Sempre vivi de meu trabaio. Sou virge. Isto é, virge de marido. Ome, eu tive e muitos em minha vida, mais nunca me enrabichei por nenhum. Meu véio ali é meu companhêro, há muitos ano, mais não somo casado. Temo nossos fios... isto é, tivemo. Agora nun dá mais. Nós já pifemo! Nun sai mais nada. Mais se ele me abandoná, eu arranjo, loguim, ôto.

Dá uma gostosa gargalhada, tira uma baforada no cachimbo e sentencia:

A desgraça dela foi se apaixoná!. Era de menó ainda quando tudo cumeçô. Não tinha nem 15 ano. O premêro namorado já tinha futricado nela cum 12 ano, apenas. Por isso foi expulsa de casa. Foi trabaia em casa de fãmia, em Fortaleza. Na Aldeota, um véio se apriveitô dela, feiz o qui bem quis e, dispois, a largô no mundo.

Era uma moça de vergonha, de prin-

cíprio, de personalidade. Não deu pra prostituta. Depois de se torná viúva, como ela diz, vortô pra cá. Num qué sabê de ôto ome, na vida. Sonha com a vorta de seu grande amô. Diz qui, durante o sono, em seus sonhos, chama por Belo!

“Belo, é você? Belo, Belo!... Vem Belo!”

Como? Repete. Ela chama por Belo?

Isso mêrmo. Belo é seu grande amô!

A velha cala-se. Belo levanta-se e vai até onde está a senhora solitária. Olha para ele, indiferente, com olhar longínquo, perdido. Aproxima-se ainda mais e vê seus olhos negros, seu cabelo liso, cheio, preto, cor de graúna. De índia. E a reconhece.

“É Leilinha. Em seus sonhos ela chama por mim. Belo sou eu. Meu nome é Florisbelo”.

Antes que possa fazer alguma coisa, ela some, entrando correndo à toda no casarão.

Minha senhora, o nome dessa mulher não é Leilinha

Não! Seu nome é Adélia

Não pode ser! É Leila. A minha Leilinha!

Sua Leilinha? Não. O nome dela é Adélia.

Com a cabeça povoada de imagens e cenas antigas de sua vida passada, todas elas marcadas pela presença de Leilinha, enche a cara e vai para casa, matutando.

Arma uma rede e solta as rédeas da imaginação.

Leilinha chega à sua casa, com uma maleta na mão, à procura de emprego. Está desesperada. Diz que não pode voltar mais para casa onde está trabalhando, de jeito nenhum.

“Se não há emprego para mim que, ao menos, me deixem ficar aqui por uns dias! Pelo amor de Deus! Não tenho para onde ir, não tenho nem onde dormir!”

De cara, gosta dela. Do seu jeito despachado. Uma criança ainda, mas já se

tornando mocinha. Uma menina-moça. Limpinha, bem apessoada. Toda pachola. Olhos vivos, brilhando muito.

Por que não quer mais ficar onde está?

Problema meu. Mas, pelo amor de Deus, me deixem ficar. Nem que seja por uns dias. Se gostarem de mim, do meu serviço, tudo bem. Se não gostarem, vou procurar outra casa, outro emprego.

Muito esperta, trabalhadeira e, como está sem empregada definitiva, vai ficando. Aos poucos vai aprendendo tudo em casa. Varre, lava pratos e roupa. Ajuda na cozinha, arruma as compras, espana. Sem que ele peça, passa a flanela no seu carro.

O tempo vai passando e ela vai ficando, vai ficando... vai ficando...

Já mais de dois anos que ela está na casa de Florisbelo.

Certo dia, à noitinha, ele está fazendo uma limpeza geral nas áreas externas da casa, lavando tudo, esfregando tudo, após o término da pintura das paredes. Trabalho pesado. Para homem. Em vez de ir passear com as amiguinhas, como costuma fazer todos os dias, ela vem, espontaneamente, ajudar.

Enquanto Florisbelo dá duro, escovando com dois escovões pesadões, ela joga água, passa sabão e controla a lavagem com o rodo. Acontece que ele está só de calção, e molhado da cabeça aos pés. Ela, também, bem molhadiha. O vestido fino, colado ao corpo, realça suas formas, bem—feitinha que ela é. Toda proporcional. Toda arrumadinha. Coxinhas bem grossinhas. Cinturinha de miss. Bumbum arrebitado...

“Os seios, Os seios... Santo Deus! Uma loucura! Nunca tinha visto uns seios tão bem feitos e aprumadinhos como os dela. Minha filha tem razão. Um dia me havia dito: “Papai, o senhor nunca viu, mas os seios de Leilinha são a coisa mais linda desse mundo!”

Desde esse dia, despertada a curiosidade, passa a observá-la. Não é mais menina-moça, não. É uma jovem... e muito bonita. Feições delicadas. Sorriso aberto e sincero. Olhos negros e grandes, emoldurando-a, um rosto arredondado. Rosto de índia. Isso mesmo. Uma índia. Cor de índia, cor de jambo... morango. Cabelos lisos, pretos, caindo pelos ombros, nas costas. De índia. Tem também, com a beleza de uma índia, a inocência de uma índia.

Não é mais a menina chorosa, pedindo, pelo amor de Deus, que ficassem com ela. Havia se transformado. Deve ter um pouco mais de 16 anos, mas já é uma fruta madura, uma gatinha ao primo miau. Mulher. Tem corpo de mulher.

Nos fins de semana, à noite, costuma sair com suas amiguinhas. De segunda a sexta, vai para a escola. Um dia, ao voltar do colégio, pára na calçada com alguns colegas de aula e ficam conversando. De mansinho, Florisbelo vai até uma janela e fica “cubando” pela veneziana, para ver como se comportam. Uns seis ou oito. Como um bando de periquitos, falam todos ao mesmo tempo. Estão combinando os preparativos finais de um piquenique, no final da semana. Pouco a pouco, o grupo vai se dispersando. Sai um, mais outro, depois mais dois... e ficam, somente, quatro. Dois casais. Sentam-se no meio fio. O que está com ela passa a mão pela cabeça dela. Alisa-lhe os cabelos. Ela balança a cabeça e se torce toda. O colega desce a mão até a cintura e volta por dentro dos cabelos. Ela se espreguiça e exagera no dengue. Ele alcança o pescoço e começa a fazer-lhe cócegas. Levanta de um pulo, despede-se e entra para seu quarto, sozinha.

Florisbelo demora a dormir, pensando quem seria aquele rapaz. O que ele dizia. O que ela dizia. O que ele queria fazer. O que ela deixava que ele fizesse. Dorme e sonha, tomando banho numa

cachoeira. A água eram os cabelos de Leilinha!

Fazer cooper está no auge. Florisbelo faz todos os dias, pela manhã, numa pracinha, perto de sua casa.

Aparentemente sem ver de que, vai deixando de fazer seu cooper, pela manhã. É que começa a acordar tarde. Passa a fazê-lo, à noite, depois das 22 horas. Depois de alguns meses, suas andanças pela praça estão se prolongando até às 23:00 horas. Só encerra seus exercícios, quando vê Leilinha voltando da aula. Aos sábados e domingos, não faz questão alguma de andar. Prefere ficar em casa, bebericando sua cervejinha. Tomando sua caninha, seu whisky.

Leilinha, prepare tira-gosto pra mim. Daqueles que só você sabe fazer. Temperados e recheados com carinho. Gostosinhos... como você.

Quando ela sai, com suas amiguinhas, ele fica calado, pensativo, inquieto, nervoso. Tem insônia. Passa a ser assistente assíduo de programas noturnos de televisão. Filmes e mais filmes. Nem se amarra nos filmes, seus olhos varrendo a rua pelas frinchas da janela. É só a menina chegar que passa a vontade de ver filmes e vai dormir tranqüilo.

Noites há, em que essa tranqüilidade não vem. Quando ela chega tarde demais. Uma vez, mais de 24:00 horas, e ela não chega. Encerra o cooper, toma banho... mas não vai dormir. Fica, de porta aberta, esperando. Zero hora e minutos, já outro dia, e nada. Enfim, já quase madrugada, ela surge na esquina da rua, correndo e, logo atrás, alguém, num carro, acompanhando-a, devagarinho. Param os dois. Discutem. Ele sai do carro e a quer agarrar. É quase uma briga. Florisbelo corre e dá de garra do revólver. O rapaz, agora, a está maltratando. Quer levá-la, à força. Florisbelo já se encontra na calçada. gri-

tando: “Êpa!”

O rapaz fica indeciso, olhando para ele, do outro lado da rua, sob a mira do Taurus. Leilinha protege o moço, pede, pelo amor de Deus, que não atire e faz com que ele entre no carro e arranque, cantando pneu. Leilinha corre na direção de Florisbello.

Muito obrigada, mas não precisava se incomodar. Sei me defender, sozinha.

Quem é ele? Seu namorado?

Não. Um cara que, há vários dias, deu para me seguir e, hoje, resolveu me atacar. Queria que eu entrasse em seu carro, à força.

Mas você deve ter dado cabimento a ele. Do contrário não se atreveria.

Que cabimento que nada! Ele é que é um chaaaato! Mas foi bom. Quando o senhor lhe apontou o revólver, eu pedi a ele que fosse embora, porque “papai” era violento. Foi bom. Ele deve ter acreditado. Acho que vai me deixar em paz

Muito obrigada, mesmo! Fico muito agradecida, mas não se preocupe comigo, não. Sei muito bem me defender. E como sei! Se o senhor soubesse...

Soubesse o quê?

Nada. Assunto meu. Boa noite... e obrigada.

Nessa noite, Florisbello dorme tranquilo. Sonha sendo herói, salvando sua amada das mãos de assaltantes, tarados e estupradores.

Dias depois, está na calçada, esperando a saída dela para a aula. Alguém se aproxima, num carro, e buzina. Ela sai correndo, abre a porta do carro e entra.

“Meu Deus, que presteza e alvoroço!”

Nesse dia ela chega em casa depois das duas horas da madrugada. Ele a está esperando. Não lhe diz nada. Não lhe pergunta nada. Caladão. Sofrendo seu silêncio. No mundo, aquele vazio.

No outro dia, acorda mastigando fel. Perde o apetite, a vontade de fazer

cooper, dar suas andadas, seus passeios.

Para quê? Esperar por quem?

O carro continua aparecendo, todos os dias, firme. É só buzinar e a alvoroçada larga tudo e se manda.

Perdeu-se! Não sou seu pai, seu irmão, seu namorado, seu tutor... não sou nada dela. Só patrão. Meu nome é patrão. Só patrão, ouviu? É melhor esquecê-la. Voltar a meu cooper!.

E o carro firme, pontual, atrevido, a buzinar bem em frente da casa. Florisbello anota a placa e faz pesquisa.

É um novo rico. Matutão do interior, fazendeiro e dono, na capital, de uma loja de peças para automóveis e um ferro-velho, “matadouro” de carros usados... e roubados. Já havia se envolvido com a Polícia Federal. Coisas de roubo e problemas com menores. É casado, mas não dá a mínima para a esposa. Gasta dinheiro a rodo com “meninhas”. Conquistou uma, a usa. Em seguida, a larga e parte para a conquista de outra. E só garota virgem, novinha, bonita e bem torneada. Em sua ficha, consta que é valentão, costuma mandar dar pisa em morador. Até de morte é acusado.

E esse sujeito vem buscar minha Leilinha à porta de minha casa e eu não posso fazer nada?

Com suas saídas, suas ausências, suas andanças de carona, no “carro estuprador”, Florisbello passeia seu sofrimento pelas calçadas, cabisbaixo, mãos cruzadas atrás, a estalar os dedos, aéreo, o pensamento voando à toa.

Uma noite, o cara passa cedo e ela se vai com ele. Ao voltar, ainda está na calçada, andando de um lado para o outro. O carro pára. Ficam conversando. Ele tenta beijá-la. Ela recua. Ele a puxa. Ela reage. Tira o rosto, não deixando que ele a beije. Por fim, ela mesma toma a iniciativa. Dá-lhe um beijo na face. Leilinha sai correndo, sua faceirice a

saltar, e, ao passar por Florisbelo, sua felicidade se desmancha em sorriso.

Por que está rindo?

Não é nada não!

Não? Tem que haver um motivo!

Você não é de rir à toa!

Besteira minha. Não devia ter rido.

Tá vendo? Então há motivo. Que foi?

Olhe, eu vou dizer... mas o senhor não vai gostar.

O que foi, menina?

Promete que não se zanga?

Prometo.

É que o Romeu sempre vê o senhor, andando de um lado para o outro...

E com isso?

É que hoje ele perguntou se o senhor era bicha!

O quê?!!!

Mas eu disse que era ordem do médico. Coração.

É isso mesmo. Coração. Obrigada. Boa noite. Tchau.

Não consegue dormir. Noite comprida. Sem fim. Uma dor de cabeça do outro mundo sela sua derrota. Velório. Enterro. Maracanã na final da copa do mundo de 1950.

Féla da puta! Rouba-me a noiva e ainda faz gozação! Eu, bicha! Fé-la. Fé-la da PUUUuuuuta!!!

Entre Leilinha e Florisbelo instala-se o ressentimento e a indiferença. Quase não se falam. Monossílabo vai, monossílabo vem. Mas, certo dia, a bondade do coração dela aflora aos lábios e sua fala se veste ainda mais de meiguice e doçura.

O senhor ainda está zangado?

Silêncio.

É por causa daquele negócio de bicha, não é? Num liga, não! Eu num tou nem aí.

“O fato de ela ter tomado a iniciativa de falar comigo... é uma

Janela aberta para mim.

Meses depois, já conversam como dois velhos camaradas. Têm liberdade

de falar sobre qualquer assunto. Inclusive sexo. Comentam tudo. Sempre arranja uma brechinha, para falar dos namorados dela, dos amigos com quem sai... até onde vão as intimidades nessas ocasiões. Uma entrada aqui, outra ali... Joga uma verde hoje, outra amanhã... Inventa dores nas costas e pede a ela que lhe faça massagens. Suas mãos macias, de seda, e seus dedos de veludo fazem-lhe subir pelas pernas, e percorrer seu corpo todo, uma coceirinha gostosa. Está sentindo arrepios, seu Florisbelo?”

Seu corpo deve ser macio como seus dedos, suas mãos de veludo, sensuais...

Você deve ser uma gostosura, na cama. Já pensou nós dois...

Que é isso, seu Florisbelo! Eu entendo suas indiretas, suas insinuações... ou não serão diretas?

As mãos massageando...

Pele macia... Ai, carne de caju!

Que é isso, homem? Eu não sou o que o senhor está pensando, não!

“... saliva doce, doce mel! Mel de urucu...”

... sou uma menina direita!

Na cama deve ser uma loucura! Ah se ela fosse comigo para boates, forrós... Eu ia derreter essa fofura!... **melão maduro, sapoti, juá! Linda morena, fruta de extemporânea, caldo de cana caiana...**

Seu Florisbelo adormeceu?

Não! **“...eu vou te desfrutar!”**

O quê, seu Florisbelo?

É a música do Alceu Valença: **“Morena Tropicana”**.

Aaaaah! Ah, sim!

Alisa mais. Só um pouquinho! Ai que vontade me dá de alisá-la também. Nas coxas, na bundinha... Acariciar seus seios!...

Por que o senhor está rindo? Faz cócegas?

Não. Não é isso. É que estou pensando.

Pensando o quê?

Como seria bom...
Seria bom o quê? Puxa!
Fazer o que o Romeu faz com você.
Oxente! E o que é que o Romeu faz comigo?
E eu é que vou saber? Quer bem me dizer que o Romeu nunca...
Nunca o quê?
Leilinha faz aquele sinal característico, batendo a mão direita, aberta, na esquerda, fechada. **"NUNCA!"**
Nunca mesmo?
Romeu já tentou tudo, inventou mil ciladas, mas nunca conseguiu nada.
Nem uma metidinha?
Nada.
N-a-na-d-a-da. NADA.
Sei não!
Eu sou uma menina direita, seu Florisbelo. Ora porra! Ninguém crê em mim!

E num acredito mesmo não!
Pois acredite se quiser. Nem me toco. Já sei o que é a vida. Caí, sozinha, no mundo, desde meus 12 anos. Sou nova, mas sou escolada, vivida. O mundo ensina ligeiro. Me responda. De 12 para 17, quantos anos são?
Cinco
Pois é. Faz cinco anos que aprendo na melhor escola da vida. Sou burra para leitura e contas, mas, na vida, sou escolada. Aprendi com as minhas e as desgraças dos outros.
Quer dizer que nem uma vezinha só?
Não entendo. Uma vezinha só, o quê?
A metidinha. O Romeu nunca mesmo...
De novo? Até parece obsessão! Ora bolas! PORRA! Sou uma menina direita!
O muxoxo a torna mais linda e atraente. Sacode os cabelos para trás, faz beicinho.
O senhor, aliás, tem todo o direito de pensar isso assim de mim. Tenho dado

motivos. Essas minhas loucuras de passar noites e noites fora, esses meus pileques, minhas farras... tudo isso faz com que pensem mal de mim. Mas sou gente decente, seu Florisbelo. Sei o que devo ou não fazer. Sei me defender também. Por exemplo...

Por exemplo o quê?
Nada. Ia dizendo uma besteira.
Pede licença e vai para seu quarto.
Será que ainda é moca? Será que transa? Será que está me enganando? A conversa dela é tão aprumada, tão sensata! Demonstra tanta experiência de vida! É tão segura de si! Se esta menina diz a verdade, é uma coitada, uma vítima. Se está mentindo, é uma grande atriz, uma fingida da marca maior, uma vagabunda escolada. Como acreditar que uma menina que, desde os 12 anos, freqüenta, sozinha, o submundo da Praia do Futuro, da Leste-Oeste, do Pirambu, nos forrós de inferninhos e casas suspeitas de ponta de rua, chegando a casa, cheia dos paus as mais das vezes, ainda seja moça direita, como diz? Como acreditar? Ela é uma grande atriz! Por outro lado, conversando com ela a gente sente sinceridade em seus olhos. Sua maior revolta, suas mágoas, seus sofrimentos são justamente porque ninguém crê nela, ninguém a entende. Todos só querem se aproveitar dela. Eu a entendo. Ela só pede compreensão, tranqüilidade, paz. Um pouquinho de amor. Amor de irmãos, que não teve. Amor de pai que a abandonou junto com sua mãe. Amor de mãe que lhe foi negado, quando mais ela precisava de amparo. 12 anos, menina ainda. Amor, enfim, de amigo, de namorado, de esposo ou mesmo de amante".

Florisbelo passeia pela calçada, sacudindo os pensamentos da cabeça. Que é isso, Florisbelo? Ficando de miolo mole? Ela é uma grande artista! Engana todo mundo. Principalmente a mim. Para não perder o emprego, me faz pas-

sar por bobo. Sai com todos os seus amiguinhos. Só a mim rejeita.. Miolo mole... **mas um dia ela cederá e eu a terei nos meus braços.**

Uma noite, Florisbello faz-se de embriagado e a espera, à porta do quarto, pela madrugada. Tenta possuí-la. Nada. Você não vê minha tara? Eu, consciente ou não, você, sóbria ou embriagada, não interessa. Meu desejo explode, mucica. Sinta minha tara.

Indiferente, Leilinha o repele. Reconheça seu lugar.

Um dia, a surpreende, alta madrugada, quando veste a camisola. Arranca-a à força. Instintivamente defende os seios, com ambas as mãos. Toma-a nos braços. Ambos, nus. Seus corpos se unem, seus suores se misturam, juntamente com as secreções das glândulas sexuais, ambos ansiosos, ofegantes, excitados, o calor de um aumentando a pressão do outro.

Mesmo assim, ela não perde o controle. Domina-se, se contém Não consente. Joga água fria no fogo do patrão. Belo, vá pra seu quarto. O senhor está embriagado. Se alguém nos encontra aqui a essa hora jamais vai dizer que o culpado é o senhor. Eu é que ficarei marcada. A palavra do pobre não pesa. A gente só vale enquanto não for desonrada...”

Belo vai para seu quarto, seguido de seus resmungos de bêbado: Ela é séria, decente, inocente... e ainda virgem. É uma grande vítima da sociedade, de seus falsos amigos, de mim próprio que tanto a faço sofrer.

No outro dia, porém, quando o carro buzina e a apressadinha desembesta, toda alvoroçada, levando a felicidade para os braços de seu garanhão, Belo, cara de palhaço, vestido de ridículo... Acreditar naquela rameirazinha! Por que não a violentei, ontem? Mas ela, ainda, me paga. Da próxima vez...

Leilinha tira uns dias de folga para

visitar os parentes, em sua terra, mas volta quase que imediatamente.

Oi, Leilinha! Já chegou? Que houve?

É. Não era para eu estar aqui, hoje, agora, mas não me dei bem com meu pessoal e voltei antes. Tudo bem?

Tudo bem. Melhor assim. Estava, até, com saudades de você.

Eu também.

Mesmo? De verdade?

De verdade.

É. Eu acho que a gente se gosta.

Gostar, não. Mas lhe sou muito grata. O senhor tem sido muito bom comigo.

E vou ser, por toda a vida. Depende de você.

Florisbello aproxima-se de Leilinha, bem próximo, e alisa os seus cabelos. Ela deixa. Continua alisando, agora com as duas mãos. Aproxima-se mais ainda, quase agarradinhos, sua ansiedade a envolvendo. Desce as mãos para sua face, segura-a pelas orelhas. Ela, meiguice e temor, ânsia e tremor, o olha... e seus olhos falam: sou tua! Me rendo! Me entrego.” Florisbello beija-lhe, logo, a testa, as faces, os olhos. Direito/esquerdo, esquerdo/direito. Por fim, beija-lhe a boca. Corresponde ao beijo, agarrando-se, louca, a seu pescoço, freneticamente, ofegante, gemendo, quase em ânsia, língua atrevida, voraz.

Mas é questão de segundos. Largo-o, logo, com a mesma fúria e corre para seu quarto.

Eu não disse? Essa cadelazinha está me enganando. Há muito tempo ela deseja esse beijo. E como beija! Tarimbada. Buscou, ávida, minha língua! Uma gatinha no cio. Teremos muitas noites de loucuras, prazeres, afogamentos no sexo.

De repente...

E o que ela não faz em suas noitadas de aventuras, voltando para casa de manhazinha, de porre, sem restrições,

a noite toda livre, com...Não! Não! E **NÃO!!!** Com os outros. **NÃO!** Ela tem de ser só minha. Não permitirei que outros coloquem as mãos sujas nela. De jeito algum. Fazer sexo, só comigo. Com outro, nem pensar! Vou falar com ela, logo, cedinho, amanhã.

No outro dia, cedinho, logo que se encontram.

Patrão, esqueça o que houve, ontem.

Não houve nada. Pelo contrário. Gostei imensamente, quero, inclusive...

Não adianta. Esqueça.

O quê? Que é isso, Nei...

Nem fale mais comigo. Não quero mais vê-lo. Foi um momento de fraqueza. Já esqueci tudo. Passou.

Não é possível que esteja falando sério, depois do que aconteceu ontem.

Não adianta. Acabou-se o papo.

Mas Leilinha...

Nem Leilinha, nem leiloca! Ponto final. Tchau.

Ela é mesmo uma cadela no cio, mas não me quer, mesmo. Tem seus cachorrões, seus gostosões, seus amantes. Pensando bem, ela tem toda a razão. Com os outros não há problemas. Comigo, sim. Depois, eu sou velho. Isso mesmo. Ela tem o gatão que quiser. É só "miar" e abaixar-se, levantando a bunda e balançando o rabo, abrir as pernas e se arreganhar!!!

Quase uma semana e os dois praticamente vivem como desconhecidos. A linguagem deles é o silêncio. Ela, lépida, transpira encanto e felicidade. Ele, uma máscara de carnaval, trancadão, macambúzio, as mágoas lhe enrugando ainda mais a cara de sofrimento e revolta. Certo dia...

O senhor dá licença?

Para onde você vai assim, toda arrumada?

Não lhe interessa!

Leilinha, precisamos conversar.

Pra quê? Não! Não interessa. E tem

mais. Se o senhor não deixar de me perseguir, eu vou embora de sua casa.

Mas eu gosto de você. De verdade. Sou diferente de todos os seus admiradores e amantes.

Não tenho admiradores! Não tenho amantes! Não amo ninguém! Não transo com ninguém! Não quero ninguém! Sabe porque saí da outra casa?

Não.

Lembra-se quando cheguei aqui, com pouco mais de 12 anos?

Lembro, sim.

Meu antigo patrão é mais velho do que o senhor, mas é tarado. Quis violentar-me.

O quê?

Com uma faca na mão. Nuzão. Todo pronto. Ou eu dava ou ele me matava. Preparara tudo com cuidado. Deu um jeito de eu ficar sozinha, com ele, em casa. Fechou todas as portas, e me atacou. Corri pela casa toda e ele atrás. Conseguí pular uma janela e só voltei, acompanhada, para pegar minhas coisas. Agora, o senhor não se meta a besta comigo, não, tá?

Não, Leilinha, pode confiar em mim.

Já lhe disse que sou escolada. Tenho experiência do mundo. Sou vivida.

Estou vendo.

Não caio facilmente. Já passei por coisas piores.

É o ônus por ser tão bonita.

É o quê?

O ônus. Como vou explicar, agora? Olhe. Se você fosse feia e mal feita, não aconteceria isso. Mas como você é bonita, charmosa e apetitosa, todo mundo quer tirar sua casquinha. Entendeu? Ônus é isso.

Entendi.

Passeia sua faceirice pelo corpo. Dá um jeitinho no cabelo, joga a cabeça para trás, sorrindo, dá umas voltinhas desfilando, requebrando dengosamente e de modo atrevido. Por fim, pára, sacode os

quartos e finaliza:

Viu como sou charmosa e apetitosa? Eu sei que sou igual a uma novilha no cio. Os touros brigam por ela. Os homens me perseguem. Ônus é isso, não é?

Isso mesmo.

Sei muito bem o que é ônus. A gente é bonitinha, bem feitinha, gostosa e, por isso, sofre aporrinhão dos machos, não é?

Isso mesmo.

Vou lhe contar um exemplo de ônus, que aconteceu comigo. O que uma mocinha pode fazer, se um cara cisma com ela, leva ela para um lugar deserto, puxa um revólver e diz: Ou faz amor comigo ou vai morrer! Hein? O que uma mocinha pode fazer?

É difícil responder. Depende das circunstâncias.

Que circunstâncias, que nada! Ela não pode fazer é nadinha. Um dia, eu e uma colega minha pedimos carona a um rapaz desconhecido. Um rapagão. Bonitão. Carrão!

O Romeu?

Levou a gente para a praia do Futuro. Tudo deserto. Ele estava embriagado. Dopado. Tirou a roupa e obrigou-me a ficar nua também. Só queria a “**bonitinha**”. Eu. O ônus, não é? A outra era feiazinha e mal feita. Ele nem se tocava. Só queria a mim.

E daí, Leilinha?

E daí o quê?

O que houve? Como terminou?

Eu só estava dando um exemplo de ônus.

Mas eu quero saber o final.

A amiga se ofereceu para transar com ele em meu lugar e aí você sabe. Aliviado, baixado o fogo, desarmado, ele desistiu de mim. Ela se sacrificou por mim, porque não sabia que eu não era mais moça.

O quê? Você disse...

Leilinha abre a boca, desmesuradamente e, instintivamente, tapa-a com a

mão.

Saiu, não foi? Não era isso o que o senhor queira saber faz tanto tempo? Pois é. Não sou mais moça. Já não posso negar mais. Eu mesma confessei, droga! Foi há muito tempo, lá na minha terra. Por isso fui expulsa de casa. Eu mal tinha 12 anos. Pronto. Não sou mais moça e daí?

Leilinha, onça, o fulmina com o olhar.

Permanecem calados. O silêncio gritando, bocas entreabertas, pensamentos-vulcão.

E daí, hein? Ficou mudo? Por que não fala? Que é que está pensando? Fazendo planos, não é? Está pensando fazer comigo o que aquele velho tarado da outra casa quis fazer, não é? Adivinho seus pensamentos.

Que é isso, Leilinha!

Pode ir tirando o cavalinho da chuva.

Que é isso, menina! Eu gosto de você.

Não se alegre, nem faça planos. Fica tudo como antes, tá?

Não tenha medo de mim. Eu gosto de você.

No rosto de Florisbello, seus sentimentos em luta. Piedade, Afeto, Compreensão, Lealdade... de um lado. Do outro: Cavilação, Falsidade, Sedução, Exploração. Paixões desenfreadas. Dois psiquismos. Freud. Os Princípios da Vida e da Morte. O Bem e o Mal. Amor/Ódio.

Esses sentimentos transtornam a fisionomia de Florisbello, ora serena, ora convulsão. Como na briga das águas de um grande rio com o mar. Ora um, ora o outro é o vencedor. Sobe e desce maré, recua e avança o rio. O mar fica mais revoltado, mais toldadas as águas do rio. Não se sabe mais o que é rio e o que é o oceano. Não há mais regime de marés. Fica tudo aquela confusão. Assim, dentro de Florisbello, uma pororoca.

Florisbello, paixão, consegue contro-

lar-se e não força a barra. A amizade entre os dois vai se consolidando. Marcam encontros em restaurantes, churrascarias. Mais à vontade, descontraídos, as confidências vão ficando mais íntimas. Ela vai se abrindo aos poucos. Minúcias de cantadas, tentativas...

É o Romeu quem lhe dá essas cantadas, não é?

Ele e outros. São todos iguais: Uma vez, ele me convidou para visitar uma tia dele, fora da cidade. Fui. Era uma casa grande, com muitos compartimentos. Várias suítes. Entramos numa bem grande, luxuosa, atapetada, toda ornamentada com fotos de mulheres lindas, nuas, cheia de quadros, desenhos, muitos espelhos, cama redonda, ducha, banheira... Veio uma senhora idosa, gorda, simpática, toda sorriso, falou comigo, trouxe-me uma bebida, tira-gosto... Quando ele apareceu foi logo me agarrando, querendo tirar a minha roupa, à força. Gritei por socorro. Dei um escândalo danado. Foi aquela correria. A dona veio, às pressas. Brigaram os dois. Só sei que, no final, ele foi convidado a se retirar. Pela conversa deles, concluí que estava num motel e escapei porque a madame não queria encrenca com a Polícia Federal. Ouvi muito bem quando ela, zangada, o ameaçou: Não me traga mais menores para meu estabelecimento. Se você não cumpre as Leis, eu cumprio.

É, Leilinha, eu já sabia isso dele. Mas, agora, estou começando a ficar com medo. Um dia ele vai partir para a ignorância.

Comigo não, coronel. Nem morta!

Uma noite Florisbello fica esperando por ela, em seu quarto mesmo, para lhe fazer uma surpresa. Chega toda arrebatada. Ferida. Sangrando. Com hematomas por todo o corpo. Ombro inchado. Braço direito dolorido, torcido, deslocado. Vestes totalmente rasgadas.

Que foi isto, Leilinha? Foi violentada? Currada? Estuprada? Quem lhe fez isto?

O bandido do Romeu. Mas não conseguiu. Me arrebatou, mas não conseguiu.

Como foi isto? Me conte.

Uma cilada. Como sempre, me deixou para ser a última carona. Mas desta vez... Bandido!

Não lhe disse para não facilitar.

Foi uma cilada. As meninas tinham combinado com ele. Quebraram a cara. Depois eu conto. Estou muito cansada. Vou dormir. Dá licença?

Vamos primeiro tratar de suas feridas.

Deixa pra lá. Não é nada, não.

Florisbello providencia o material para curativos. Ajuda-a e depois se dirige a seu quarto. Mas não pode dormir. Quando consegue dar um cochilo, acorda logo assustado, com pesadelo.

Depois desse dia Leilinha passa a ter mais confiança no patrão-amigo e não quer mais saber do Romeu. Começam a se encontrar mais assiduamente. A Intimidade fazendo morada, em seus papinhos. As mãos trabalham. Carinhos. Carícias.

Certa vez, após jantar numa churrascaria afastada, o carro se dirige para um lugar ermo e escuro, e começam a se acariciar. Os beijos se instalam, estalando, aproximando mais e mais um do outro. De mansinho, manhosamente, carinho na ponta dos dedos, Florisbello vai abrindo a blusa dela. Defende-se logo.

Só um pouquinho.

O que o senhor está querendo?

Carinhosamente, com voz de criancinha, e fazendo beicinho, procurando mostrar que não há malícia, sussurra-lhe ao ouvido:

Quero ver seu peitinho!

Pra quê?

Eu sei que são tão lindos!

Como é que sabe?

Disseram-me.
Quem?
Minha filha, lembra-se?
Ah!...
Abre dois botões e mostra.
São, de fato, a coisa mais linda que já havia visto. E ali, bem pertinho, redondos, cheinhos, durinhos, empinados, bem rosadinhos, arfando. ...e a meu alcance.
Florisbelo dá-lhes um cheiro bem delicado. Estremecem. Dá uma lambidinha nos mamilos. Ela suspira e geme. Passa a apalpá-los.
Leva um safanão tremendo.
Pensei que o senhor fosse diferente. Mas é igual ao outro.
Que outro?
O Romeu. Todos só querem é me explorar! São todos iguais! Uns abutres!
Não. Você se engana.
Qual nada! Mas aqui, ninguém bole!
Voltam para casa, estranhos, dois surdos-mudos.
Sei que ela quer fazer amor comigo, mas tem pavor. Cede até certo ponto, mas, na hora “H”, recua. Mas vou conquistá-la, possuí-la, custe o que custar!
Florisbelo a Leva, numa quinta-feira, para um lugar deserto e afastado. Uma boate que só funciona nos finais de semana.
Mas está fechada, Belo.
Não há de ser nada. Faremos nossa noite sozinhos.
Abre a traseira da belina, tira um colchão...estou preparando nosso ninho. .. e começa a abrir o isopor.
Sabidinho, hein? Tudo preparado: bebida, tira-gosto... Então você já sabia!
Que a boate estava fechada? Sabia.
E faz diferença?
Não. Acontece...
Acontece que vamos fazer nossa festinha, só nós dois.
Bebem cerveja, comendo os salgadinhos e os sanduíches. Aos poucos a ca-

maradagem vai fazendo morada. Ela já demonstra sinais de embriaguez.

Arrocha-lhe mais cerveja. As carícias vão aumentando de intensidade. Os vapores etílicos enuviam as ousadias, as tornam imperceptíveis, aceitas até, prazerosas.

Leilinha é toda minha, servida em bandeja. É só jantar.

Devagarinho, agarrados, se esfregando, Florisbelo vai tirando, a roupa e fica completamente nu. Anestesiada, não reage. Desabotoa-lhe também o short. Deixa. Beijando-se, apaixonadamente, vai se deitando por cima dela. Espera, pacientemente, a hora oportuna. Ela, por fim, se entrega total. Baixa sua calcinha. Geme, se contorce, ofegante, nos extremos da ânsia, já sentindo o primeiro orgasmo. Aperta-a, virilmente e tenta a penetração total. Seu grito sai tão aflito, carregado de uma tão grande dose de sofrimento e desespero...

NÃO! NÃO! Não faça isso! Mamãe!... MAAAAAMÃE!... MÃAAAAAA!

Que Florisbelo não tem coragem de continuar. Abraça-a, maternalmente, num acalanto. Ela se agarra a ele, soluçando... com se estivesse nos seios e braços de sua mãe.

Não, não, meu bem. Não vou fazer nada. Fique calma

Obrigada, Belo. Obrigada

Leilinha, após aquela noitada, se transforma. Cisma. Evita encontrar-se com o patrão. Florisbelo, Desolação. Certo dia, ela some. Vai morar num bairro distante. No outro extremo da cidade. Florisbelo, Decepção, Desespero. Ela me fascina, me enfeitiça. Tenho de achar seu novo endereço”

Um vazio travento, amargoso, de difícil digestão consome Florisbelo. Perde peso, a olhos vistos. Não dorme direito. Anda arredio, nervoso, macambúzio. Passa horas e mais horas, aguardando a saída dela do novo trabalho. Oferece-

lhe carona. Não aceita. Quer distância. Propoe tirá-la do emprego. “Para fazermos vida”. Muxoxo. Desprezo.

Florisbelo torna-se seresteiro, por necessidade. Não perde uma lua cheia. E as noites de luar, as passa em Icarai, Todos aplaudem e elogiam sua ardente vocação de seresteiro.

“Sentimental eu sou, eu sou demais, porque assim ela me faz. E se achar (amar) alguém, como eu achei (amei, amo), verá que é natural ficar, como eu fiquei, cada vez mais, sentimental!”.

Parece alegre, extrovertido. Só alegria. Por fora. Por dentro, só dor, tristeza, sofrimento, desencanto. Saudades. Com os mais íntimos é só desabafo.

“Quanta gente que ri talvez exista, cuja felicidade única consista em parecer aos outros venturosa!”.

O tempo vai passando, as feridas sarando e Florisbelo se esquecendo dela. Lembra-se dela, é certo, mas sem arroubos, sem martirizar. Sua silhueta se lhe apresenta nas devidas proporções. Fala dela com naturalidade.

É como um brinquedo de estimação perdido. Recordo sua boca ávida, sua maciez, sua cor morena, seus cabelos de graúna, lisos, cheios, seu perfil faceiro, de menina-moça, seus quadris bem proporcionados, ligeiramente empinados, seus seios, bom moldados, rosadinhos, firmes, nem grandes, nem pequenos, vistosos, quentes, ardentes, outrora, enlouquecedores. Hoje... uma vaga lembrança. Resta-me a impressão de que estavam sempre arfantes, como se tivessem vida própria. como se falassem, como se estivessem sempre se oferecendo para as delícias de um afago. Ela toda, aliás, lembro-me bem, tremia e vibrava em ânsias! E com que facilidade! Tudo isso, porém, graças a Deus, é passado. Ficou dela, de maneira longínqua, lembranças, uvas verdes, como guloseima na mesa dos outros, como brinquedos de Natal na vitrine, vistos por

olhos de meninos pobres. Só fantasias. Um sonho desfeito.

.x-.x-.x-.x-.x-.x-.x-.x-.x-

Um dia, muito tempo depois que Florisbelo já havia desistido dela, o telefone toca. Era ela. Florisbelo fica surpreso ao lhe propor um encontro numa churrascaria. Vão. Pedem o prato predileto: tira-gosto de camarão à milanesa, acompanhado de molho tártaro e, para jantar, o próprio, agora gratinado. Como antigamente. Batem um papo descontraído, relembando o passado. Rosto impassível de quem já a esqueceu. Não lhe dá nenhuma “cantada”. Ao final...

E, agora, para onde vamos? Onde quer que a deixe?

Eu vim para ficar. Quero morar com você.

Essa, não! Que brincadeira é essa? Persigo você, durante anos e anos, e nada. Agora, você se oferece, assim, espontaneamente, sem mais nem menos..Que há?

Isso mesmo, Belo. Estou me oferecendo na bandeja. Sou seu manjar, eu mesma me ofereço numa cestinha de presente. Sou toda sua. Para sempre.

Não posso acreditar.

Falo a verdade, Belo. Quero fazer vida com você. Sou sua Julieta.

Foram para um motel. Mesmo se oferecendo espontaneamente, resolvida, ela se encolhe. Treme. Não permite que a toque.

Um dia, quando, quase à força, quis possuí-la, você gritou desesperada pela sua mãe, lembra-se? Leilinha, se você não pode... se você não quer...

Eu posso, Belo. Eu quero, Belo querido, my love. Quero ser sua, hoje. AGORA!

Mas Leilinha, você...

Estou resolvida. Você me conhece. Custei a me decidir, mas de hoje não

passa. Sou sua. Não foi isso que você sempre quis?

Foi, sim.

Espere mais um pouco. Tenha paciência.

Estão nus, na cama. Ele a acaricia, ternamente, carinhosamente, quase não acreditando. Os seios dela arfam, volumosos, entumecidos. Não tenta tocá-los.

São sagrados. Beija-a na testa, na face, nas bochechas, na boca. Concomitantemente, suas mãos afagam suas coxas. Acaricia-lhe as virilhas. Pouco a pouco ela vai perdendo o medo. Começa a ceder, ficando lânguida, a tensão passando.

Quando, porém, tenta penetrá-la, esquiva-se, enrosca-se no lençol.

Pela milésima vez, inicia tudinho, pacientemente. Novos jogos preliminares em andamento...

A primeira vez que isso aconteceu, como foi?

Nem me lembro mais. Eu tinha 12 anos.

Eu sei. Foi na sua casa... seu namorado...

Mas não foi assim, não. Foi bem ligeirinho.

Bem ligeirinho, como?

Foi escondido detrás da porta. Mamãe...

Vão aumentando gradativamente, as carícias. O sexo vai abrindo caminho entre as coxas, os dois abraçadinhos... Espere mais um pouco, Belo. Está tão bonzinho! Ai que gostoso!

Mamãe havia saído de casa. Meu namorado se aproveitou. Me agarrou à força, rasgou minha calcinha e, em pé mesmo, detrás da porta, me deflorou.

Agora sim, entendo porque você suava tanto medo.

Ele foi muito bruto, Belo. Me agarrou e foi logo tentando. Doeu muito e eu gritei. Mamãe ia chegando, correu e nos pegou ainda no ato. Imediatamente me

expulsou de casa.

Não tenha medo. Não chore. Não soluçe mais. Tudo passou. Águas passadas. Vai ser diferente. Com muito carinho. Vai ser gostoso. Você vai ver.

Tou vendo, Belo.

Tá bonzinho, não ta?

Táaaaa...

Tá gostando?

Ai! Tou. Huuuum...

Está doendo?

Um pouquinho, mas está delicioso. Está sentindo?

Ai que cosquinha boa!

São mucicas. Carícias de amor.

Como é gostoso, Belo! Nada de brutalidade. Só carinhos... Só... Faz mais, Belo. Mais mucicas! (Aperta-o com mais força ainda). Obrigada, Belo. Obrigada. Por que é que é tão bom?

Depois de muito a acariciar, lembra-se de seu ponto fraco: os seios. Vai experimentando, devagarinho. Desta vez, ela vai deixando. Treme menos. Ofega descompassadamente. Os seios arfam. Desesperadamente. Vai alisando, com delicadeza. Estão em brasa. Entumecidos. Não resiste. Apalpa-os com as duas mãos. Em ânsia, ela não reage. Se compraz. Eles pegam fogo. Encosta seus lábios, sugando-os, alternadamente. Com pouco, ela estremece todinha, em orgasmo. Os seios pulsando vertiginosamente, ela arfando e se entregando quase em desmaio, abrindo-se por completo.

Ao tentar consumir o ato, com penetração total, pára. O namorado não lhe tinha feito nada. O sangue tinha sido o dele. Em sua ignorância, se circuncidara desastradamente. Leilinha é virgem. Recua, instintivamente.

Belo, por que você parou? Estava tão bom. Não desista. Eu quero.

E o puxa com força.

AI ACONTECE.

Amam-se, afogueadamente. Consumam o ato, às pressas, em loucura total.

Serenam. Logo depois, repetem tudo de novo, com muita calma... e muito amor.

Como é bom, Belo! Como é gostoso! Eu te amo, Belo!

A lua-de-mel foi nos motéis, mesmo. A inocência dela o cativa. Inexperiente, inocente, ele é o mestre e ela, uma excelente aluna, a coisa mais bela...

Tudo isso são recordações de Florisbelo, na barraca do Rai, na Ponta do Pacheco. A primeira noite... o romance vivido... Leilinha ainda moça, inocente...

Leilinha foi a coisa mais bela que me aconteceu na vida! Será que ela é Leilinha, mesmo? Ninguém a conhece por esse nome. Chamam-na Adélia. Leilinha, aliás, é apelido. Será verdade o que dizem dela? O irmão menor... a maconha... as farras... a prostituição... o homem que a desencaminhou... Será? Será, hein? A língua do povo é ferina. Histórias se avolumam, engrossam. Criam-se novos lances. Maledicências, invejas, calúnias... histórias/estórias... e mais e mais histórias/estórias. Recordo que, há tempos atrás, li, numa coluna policial, algo parecido com essa história. Era uma garotinha, linda de morrer, que fazia parte de uma quadrilha de assaltantes e ladrões mirins. Maconheiros, estupradores. Assaltavam casais em motéis e ela era quem servia de "isca". Não recordo o nome. Adélia ou Adelaide. Havia também um irmão menor, na jogada. Uma peste. A quadrilha foi presa e a mocinha posta no Bom Pastor. Bom Pastor ou num presídio de mulheres? Não lembro bem. Só sei que uma família caridosa se engraça dela depois e a tira de lá e a leva para uma praia. A praia... O nome da praia era... Não lembro. Espere. O nome daquela mulher que estava ali é também Adélia. Meu Deus! É aqui. A residência da senhora caridosa é aqui, na Ponta do Pacheco. **PONTADO PACHECO!!!** Isso mesmo.

Sai correndo pela praia, gritando, aos berros, de felicidade:

"É EEEELA! É EEEEEELA! É ela, pessoal! Eu conheço aquela senhora solitária. É Leilinha. Leilinha. A MINHA LEILINHA!!!

Quem o vê e o ouve julga que ele havia enlouquecido.

Dias depois, Adélia está, no mesmo lugar, na mesma mesa. Como sempre, sozinha. Florisbelo vai até ela. Chega bem pertinho. Olha-a em seus olhos distantes. Perdidos. Aqueles olhos grandes, negros, vivos. Amacia seus cabelos lisos, cheios, pretos, cor de graúna. De índia. Torna a alisá-los. Agora com as duas mãos. Desce suas mãos para a face dela, imóvel. Segura-a pelas orelhas. Não tenta fugir. Beija-lhe a testa, as faces, os olhos, direito/esquerdo, esquerdo/direito, e, por fim, a boca. Agarrada o seu pescoço, empendurada, não se cansa de o beijar, loucamente, freneticamente.

Belo! Belo! És tu? Eu te conheci pelo beijo, Belo meu.

E o beija, radiante. E chora. E sorri. E beija-o/sorrindo. Sorri/chorando. Chora/beijando-o. Por fim, agarra-se a ele, desesperada, aos prantos, convulsivamente. Aninha-se em seus peitos fortes, como se fossem os seios e os braços de sua mãe.

Leilinha, onde você tem andado?

Te procurando, belo

Que é que você tem feito?

Só te procurar, Belo. Vivendo de lembranças. Me resguardando para ti, Belo.

Não minta, Leilinha. Você nunca mentia.

Beelo...

Não tem Belo, nem Bonito. Que é que você tem feito?

Nada, Belo. Eu sou a mesma Leilinha. Tua Leilinha. Do jeito que tu deixaste. Tu me deixaste... me abandonaste...

E as farras? A maconha? Os assaltos? Os roubos? As detenções? As fugas?

Foram cinco anos durante os quais você serviu de isca para...

Cinco anos de ausência tua, Belo. Tu foste o único amor de minha vida. Foram cinco anos sem ti. Cinco anos perdidos. Cinco anos que, para mim, não existiram. Não contaram. Cinco anos... cinco anos, sozinha. Cinco anos de pesadelos. Cinco anos de vida à toa... ao léu e emboláu. Principalmente, cinco anos sem ti, Belo.

Leilinha... tu me querias. Tu me amaste. Eu era inocente. Tu foste meu professor de sexo. Eras tu quem o dizia, lembraste? Eu julgava ter encontrado a Felicidade em teus braços... mas tu fugiste. Tu fugiste, Belo. Cinco anos...

Leilinha!

Durante esses cinco anos eu não vivi. Foi um vácuo. Um vazio. Um escuro. Um buraco negro, sem estrelas, sem lua, sem sol. Foram cinco anos de noite e escuridão. Cinco anos...

Ouçã, Leilinha! ...tu eras meu sol, Belo. Tu sumiste, ele apagou-se. Mas eu tinha certeza que tu eras diferente dos outros. Tinha certeza que tu voltarias. E tu voltaste, não foi, Belo?

Sim! Voltei, Leilinha.

Os dois se abraçam, carinhosamente.

Ela sorri/chora/beija-o.

Chora/beija-o/sorrindo

Beija-o/sorri/chorando!

Belo, minha vida parou no dia em que tu sumiste. Fiquei só esperando... esperando... esperando...

Não vai esperar mais. E recomeçou agora em teus braços. Aqueles cinco anos não existiram para mim. Foram uma lacuna em minha vida.

Leilinha! Minha Leilinha!...

Quem ama perdoa. Belo, eu te perdôo... tu me perdoas.

Certo, Leilinha.

Quem ama esquece. Eu esqueço tudo. Tu esqueces tudo.

Leilinha, foi ontem que eu deixei

você, tá lembrada? Eu só saí um pouco... para comprar flores. Você se lembra? Veja se você se lembra. Eu fui só comprar flores.

Lembro, Belo. Tu foste comprar flores para nós dois... e eu dormi... e tive um sonho horrível!

Isso mesmo, Leilinha! Um sonho horrível. Tudo não passou de um sonho horrível... um... tu chegaste, me acolheste... e o pesadelo passou.

Isso mesmo, Leilinha.

Eu te amo, Belo!

Eu te amo, Leilinha. Minha Leilinha, tão pura como antes.

os dois...

Beijam-se/choram/sorriem.

Choram/sorriem/beijam—se.

Sorriem/beijam-se/chorando.

A VOZ DO MORTO TRAGÉDIA

Era uma grande festa, em Icaraí. Inauguração de casa nova. E que casa! A do Rei-da-Castanha, um ricaço que viera de Rondônia, dono de várias fazendas. Propriedades rurais, com milhares de hectares. Rezes, criações, cavalos de raça, fábricas de beneficiamento de castanha de caju para exportação, de doces, queijo, nata, manteiga, iogurte. Por “hobby” incursões na pesca de camarão, lagosta. Diziam que tal esporte era para camuflar seus reais mergulhos no contrabando. Daí ser, também, cognominado de “O Contrabandista”.

Foi-não-foi, seu Iate Real fazia-se ao largo, com vários casais, para uma bacanal em pleno oceano. Alegre, extrovertido, brincalhão, nos convites especiais, sempre mandava imprimir esta frase: “É bom fazer amor, singrando as águas azuis do Oceano Atlântico” Era uma senha.

O whisky importado contrabandeado corria frouxo. Lagosta, caviar, camarão fresquinho, à farta. Depois de todos embriagados, sonolentos, pela ingestão abusiva de álcool, a tripulação, sóbria, começava a “pescar”. Fardos e mais fardos, deixados por lanchas misteriosas ou lançados em pára-quedas, por aviões ou helicópteros.

Com toda essa retaguarda “financeira e estratégica”, era possível uma festa tão pomposa. A ordem era esbanjar. Comemorações dignas das mil-e-uma-noites. Festins de Baltazar, onde pontificavam marajás, sobas, delfins e princesas.

Em uma dessas bacanais contam as más línguas apareceu um rapagão alto, magro, feio, conhecido por seu furor sexual, tarado, com uma mocinha de seus dezoito anos, linda demais, bem-feita demais, cândida demais... Foi dizem criminosamente “despetalada” por aqueles sibaritas. Deixaram-na quase morta. Como chegou lá, ninguém sabe. Falam que foi seqüestrada.

Falava-se, falava-se, falava-se...

Na festa de inauguração do palacete do Rei-da-Castanha, mesmo em seu último dia, não faltava nada. Havia de tudo em abundância e superabundância: churrascos, pratos finos, tira-gostos, salgadinhos inumeráveis, picanhas, champanhe, whisky, vinho alemão legítimo, licores franceses, etc..., E música. Muita música. Num galpão à parte, a criadagem se divertia à beσσα, eletrizada pela magia de um sanfoneiro. Era o “quente” da festança. E o forró roncava, autêntico. A “negrada”, balançando a bunda pra cá, balançando a bunda pra lá, requebrando, pinando, transformava aquele local no “Paraíso da Lambada”, no “Paraíso da Gafieira”. Gafieira genuína. Gafieira braba. Desabusada. A alma do povão vibrando, os quadris remexendo, todo mundo “peneirando”. Pernas e braços engalfinhados,

quase penetrando uns dentro dos outros, coxas entre coxas, esfregando-se... “Aquilo” roçando, coçando, dando suas beliscadas, no rebolado e mexe-mexe sensual da lambada.

O responsável por tudo isso era o sanfoneiro. Alto, feio, quase horroroso, magro, dentuço, frente protuberante, simiesco, queixo fino e comprido, cabelo pixaim, encaracolado e ralo, dentes no mundão, dedos grossos no pinicar da sanfona e aquele vozeirão fanhoso e ensurdecedor... mas era a alegria da “negrada”. Não tocava bem. Não era suave. Mesmo assim se dizia colega de Dominginhos, Sivuca, Luiz Gonzaga. Nem comparar. Tocava mal e bota mal nisso. Mas fazia um zuadão dos infernos, com seus dedões castigando o teclado da pobrezinha da sanfona. Tocava aos pulos, aos solavancos, aos trancos e barrancos, angustiando, enervando, maltratando os ouvidos da gente e seu próprio instrumento de trabalho e divertimento, os dedos não deslizando, não resvalando. Eles cutucavam. Pinicavam. Mais pareciam bicos enormes de frangotes-virando-galo a bicar, desesperadamente, a torto e a direito, um montão de “eme”. Como músico, artista, o tocador era uma... mesmo! No entanto, era a alegria da festa!

Era a alegria da festa, apesar de seu aspecto físico. Olhando bem, também ele lembra frangote-quase-galo. Mal-acabado. Mal-ajeitado. Mal-ajambrado. Um espantalho. Eletrizava, contudo, todos com sua alegria, seu fogo, seu entusiasmo, seu vozeirão. Tudo era zoada. Tudo eram dentes. Espadaúdo, alto, estatura de gigante, fegoso, enfeitiçava o mulhério.

* * *

Numa rede de tucum, meio distante, lá no fundo do alpendre, cercada por uma roda de admiradores, por demais entusiasmados, uma senhora, que pelo

aspecto demonstrava ser bem avançada na idade, mantinha um grupo animadamente entretido em seus lero-leros. Era conhecida como “fofoqueira” ou “língua ferina”.

“... desespere dos maridos. Toca sanfona (pessimamente, temos de reconhecer!) e ‘canta’ as esposas alheias, já que não tem voz nenhuma! E dizem que é bem sucedido. É tido como garanhão. Uma versão matuta, praiana seria melhor, de Rasputin. Rasputin, aliás, é a alcunha de seu irmão gêmeo. Vocês os conhecem? Não? Um é a cara do outro. Só vendo. E são, isto é, fazem parte da curriola de “amigos inseparáveis do Chefão!”.

Este final foi dito baixinho, misteriosamente.

Zé Porteiro, vem cá! O que é aquele corre-corre lá dentro?

Baruio e feio. Ôve inté mortes. Lá vem o rabeção!

Mortes, como? Ninguém ouviu tiros...

Num sei, mais qui ôve, ôve. Quem mi dixe num mente.

É. Eu tava lá dento e vi. Juro pela alma de minha mãe qui morrero pelo menos dois.

Quem?

Num sei. Tão deitado nas rede, mais tão morto.

Então são aqueles que roncam, embriagados.

Isso mesmo. Os dois que dormiam no alpendre “muiados” que só.

O caseiro não pára. Lourival, vem cá, homem!

Num dá. Num tem tempo!

Qui ôve?

Um deus-nos-acuda. Morrero quatro.

Eu num tava dizeno? Vô vê si discubro mais coisa.

Mané, tu num vai si metê nisso. Tu já tem fama... e termina é sobrano pra tu.

Entonce vai tu, Zefinha. Tu num tava lá dentro?

Tava. Vi tudo, mais num vorto lá mais não. Morreu cinco. Diz qui foi uma tá de coma arcoo...

Coma alcoólica, excesso de bebidas. Mas quem são os mortos?

O ricaço...

O contrabandista? O Rei-da-Castanha? Vai dá bolo!

Esse mesmo. Apois bem, morreu o dono da casa, o sanfonêro, os dois amigo dele, quero dizê, do patrão, os qui ronca embriagado, morrero dentro de suas rede.

Quatro. E quem mais?

Sim, ia sisqueceno. Morreu tombém uma muiézinha discunhecida. Cinco ao todo.

Os comentários eram os mais disparatados possíveis. Os de sempre, aliás, nessas circunstâncias. E, como sempre, inqueritos.

Todos os suspeitos sofreram vexames terríveis, passaram momentos desagradabilíssimos, mas todos, sem exceção, no final, foram declarados inocentes, isentos de culpa. Nenhuma pista deu em resultado positivo. Nada encaixava. Tudo dava em nada. Ninguém ouviu nada. Ninguém desconfia de ninguém. Ninguém acusa ninguém. Silêncio mafioso. Apesar do empenho de todos: altas autoridades, empresários, associações de classes, sindicatos, igreja, contrabandistas, narcotraficantes, etc., a polícia jamais explicou esse hediondo crime. Esses crimes, se é que foram crimes, essas mortes criminosas. Polícia, incluindo a Federal, Interpol, Peritos Americanos de combate às drogas, pois havia suspeita de narcotráfico, nada. Nada de nada. Estaca zero. Nenhuma luz. Máfia. Queima de arquivo. Briga entre quadrilhas de traficantes. Processo insolúvel. Arquivado.

Intrigante mesmo, haja vista as muitas perguntas que se faziam e que

ficaram suspensas no ar, sem respostas:

Como enquadrar num rótulo só pessoas tão distantes entre si, na escala social, como o contrabandista, o sanfoneiro, a mulherzinha?

Como explicar o mistério dos lugares onde foram encontrados, apesar de terem morrido quase ao mesmo tempo?

Se foi mesmo como dizem, envenenados, por que só eles?

E a copeira morrer na suíte. Por quê?

Nenhum barulho... sem brigas, sem tumultos... tudo na santa-paz-de-Deus? Ninguém ver nada, ouvir nada, saber de nada. Hein?

E se fosse tudo por envenenamento, não tinha que ser mesmo na santa-paz-de-Deus?

Mas, repito, e por que só eles? Suicidaram-se, então?

Quem sabe!

Os exames, no IML, foram feitos e refeitos, exaustivamente. Determinou-se a dosagem do álcool no sangue. Sua densidade e consistência. As alterações de cor e odor. As vísceras mereceram uma atenção toda especial. Constatada hiperemia, na cavidade estomacal. Essa superabundância de sangue deve ter sido causada pelo rompimento dos vasos, devido ao excesso de tóxico e álcool. Overdose e sobrecarga etílica. Havia tanto álcool no sangue que, quando do embalsamamento, o formol, para surtir efeito, teve de ser aplicado em doses cavalares.

Não restaram dúvidas a respeito dos resultados dos exames, das autópsias. Demoraram, porém, a ser divulgados porque Dr. Fragoso insistia em declarar que não era somente álcool e drogas comuns a causa das mortes. Havia um elemento estranho. É que ele sentira, na cavidade gástrica, um odor característico, não percebido pelos outros médicos legistas, mas de seu conhecimento. Infelizmente a memória o traía, ele des-

confiava, mas não sabia ao certo o que era. Agora que havia, havia. Por isso, como médico-chefe do IML, amornava em banho-maria não liberando os laudos.

Esse doutor Fragoso é um pesquisador brasileiro de fama internacional. Especialista em tóxico. Vários estudos, livros publicados. Cursos e estágios no exterior. No foco da coca, do ipadu: a Amazônia. Colômbia, Bolívia, Goiânia... É o tipo a quem se pode chamar de “cientista maluco”, no bom sentido da palavra. Teimoso, paciente, metódico, organizado, responsável e honesto. Sobre tudo, honesto consigo mesmo. De posse das amostras das vísceras de todos os cadáveres, recolheu-se ao laboratório para novos exames e reações químicas. Pacientemente. Sem pressa. Exaustivamente. Persistentemente. Os colegas até o levavam na troça.

Num estalo, lembra-se da origem do odor característico que sentira. À “causa mortis”, acrescentou-se o termo complementar, esclarecendo, elucidativo, definitivo do envenenamento: um veneno caseiro, feito pelos indígenas da Colômbia, à base de urucu-timbó.

Seguindo essa nova pista, a polícia voltou a pressionar, suspeitando de quem tivesse viajado ou mantido qualquer intercâmbio com aquela região. Novos vexames estarrecedores, pressões psicológicas, prisões, cadeias, maltratos físicos, suplícios, torturas, interrogatórios intermináveis... Tudo restou inútil.

Surgiu apenas, mais um dado intrigante e misterioso. Soube-se que alguns anos atrás, uma tal de Das Dores, peça de primeira grandeza no tablado do narcotráfico, viajara para a América do Sul, mais precisamente para a praia de Icaray, no Brasil, no vôo número B-437/B-200, Bolívia/Brasil. Essa mulher, segundo as autoridades que controlam o tráfico aéreo, jamais chegou ao Brasil.

A polícia boliviana alertava para sua periculosidade, acrescentando ser ela uma senhora ainda jovem, madura, inteligentíssima, matreira e perspicaz. Foi, então, que a polícia descobriu a quem pertencia o passaporte encontrado no cofre do Rei-da-Castanha, em nome de Maria das Dores de Albuquerque. Logicamente um nome falso.

OCASARÃO

Era um velho casarão abandonado. Em ruínas. Corria voz que era mal-assombrado. Lá, no entanto, vivia um casal de velhinhos. Não eram parentes, nem aderentes. Apenas os havia unido a solidão da velhice desamparada.

Ficava no topo de uma duna, de onde se tinha uma visão panorâmica da praia de Icarai. Em ruínas: muralhas carcomidas, muros cobertos de heras feias, maltratadas. Tudo sem nenhum cuidado. Lodo, limo, musgos descendo pelas paredes, abaixo dos “jacarés” das bicas. Mato grosso e fechado, ao redor. Trepedeiras, cucurbitáceas: melão-de-São-Caetano, maxixe-do-Pará, jitiranas...tudo recobrando parapeitos e cercas. Muita rama de melancieiras, batata-doce, jirimunzeiros ressequidos, pelo quintal e jardins abandonados. Ramagens enrodilhadas de feijão atrofiado, chocho, apodrecido à chuva e à miasma, entrelaçados nos pés de milho que vingou, cresceu um pouco... mas não se desenvolveu. Mirrou.

Num abandono e destroço totais, fácil a imaginação pintá-lo de mal-assombrado. Também devido à presença dos dois velhinhos. Ganhavam a vida vendendo, nas feiras, ervas milagrosas, mezinhas, porções, inclusive um “contreau” caseiro, à base de água, açú-

car, alcachofra, cascas de laranja ou outra fruta que, além de perfumar, determinava a cor e o gosto da bebida.

Nossa amiguinha era o protótipo acabado da fofqueira. Conhecia deus-e-o-mundo. Sabia tudo a respeito de todos. Insinuante, aproveitava a condição de vendedora e a vida era percorrer as praias da vizinhança, ouvindo estórias/histórias. Seu aspecto de feiticeira assustava. Era entendida e dava seus palpites a respeito de assuntos do momento: assaltos, política, drogas, justiça, seqüestros. Até a guerra na Bósnia/Sérvia e narcotráfico. Tudo. Bisbilhoteira e misteriosa. Só aparecia nas feiras, nas festas e finais de semana. Ou seja, quando havia aglomeração, falando mal ou bem de tudo e de todos, segundo suas conveniências. Era voz corrente que ela tinha o poder de “jiboiar” e o fazia nas casas dos potentados, ricos. Quase sempre na casa do Rei-da-Castanha. Durante a semana ninguém a via e, aos domingos à noite até às segundas-feiras, pela manhã, estava junto ao velho, no casarão abandonado.

O velho quase não saía de casa. Somente para ir à praia, esperar a chegada das jangadas e barcos de pescadores, para pechinchar. Às mais das vezes só para afanar ou flunar alguns peixinhos para sua alimentação e de sua companheira. Querido de todos, sempre arranjava o de comer, as mais das vezes trocando-o por mezinhas. Antes, quando as forças ainda o permitiam, andava muito. Era andarilho. Quase não parava. Sem descanso. Por isso alguns o chamavam de “O andarilho solitário”. Percorria, sozinho, todo aquele mundão-de-meu-deus-de-areia da redondeza. Depois só lhe restou a companhia da amiga e seus intermináveis papos. A vida de ambos devia ser muito monótona e preenchiam o tempo com conversas infundáveis, cada um contando ao outro suas experiências, mágoas e alegrias

passadas. O velho sempre a destilar lamúria e frustrações. A velha, fuxicos.

Um dia chegou a Icaraí um tipo “insquizado”. Ninguém sabia de onde tinha vindo, a que tinha vindo e quem era. Nem seu nome dizia. Era visto aqui... e sumia. Davam notícias dele acolá, mas, logo, se escafedia. Somente seu apelido se espalhou rápido, talvez por ser um nome “estranja”. Num arrasta-pé, no forró do Lucas, quem estava perto do conjunto ouviu quando o baterista gritou para seus companheiros: Olhem quem passou ali se esgueirando! O Rasputin! O irmão gêmeo do sanfoneiro. Não parou, sequer. Tomou sumiço, imediatamente.

A velha tinha fascínio horrível sobre o companheiro. Dominava-o completamente. Cheia de malícia, matreira, insinuante, cavilosa, ao perceber que falar de Rasputin o perturbava, só “aos pequeninos”, paulatinamente, ia fazendo a revelação dos resultados e de suas descobertas a respeito do “frade”, como costumava chamá-lo, a Rasputin. Era quase um prazer mórbido. Histórias horripilantes sobre ele e sua turminha inseparável se espalhavam com rapidez... e eram sempre histórias com mulheres, devassidão e bacanais. Tudo isso era contado de boca a boca, com ar misterioso... e malícia. Muita malícia. Horrores.

Mistério era o que não faltava ao redor de seu Hilário. Sua companheira dos finais de semana era um. Por que não aparecia durante a semana? Onde se escondia? E quem era aquela senhora de uns quarenta anos... quarenta e pedaços, que comparecia às reuniões secretas, festas e bacanais na casa do Rei-da-Castanha? Quem? Quando ia levar as doses de “contreau”, muitas vezes seu Hilário a via e saía com a nítida impressão de que já a havia visto antes, em algum lugar, mas jamais lembrava quando, onde e quem era ela.

Havia algo muito intrigante. Intrigante demais. Era quando ela falava de Raputin, do frade aliás, para o velho. Ele gostava de ouvir novos detalhes, embora isso o atormentasse, como uma alfinetada no mais íntimo de su’alma. Havia interesse e apreensão, brilho, e, vez por outra, lágrimas em seus olhos. A velha, matreira, o analisava e se perguntava, fofocando, quase como se fosse uma masturbação mental, prazerosa: “Será sadismo? Masoquismo? Sado-masoquismo? Ou seriam coisas de Amor? Vingança, talvez? Por que se descontrolou todinho, a tremer dos pés à cabeça, quando lhe revelei, pela primeira vez, que sabia de seu apelido e de muitas outras histórias a respeito do frade? Hein? Por quê? Mas eu vou descobrir! Ora se vou!”.

Seu Hilário, ao me aproximar de uma rodinha de fofoqueiras (Eu, não. Deus me livre!), sem que quisesse, peguei um resto de conversa no boteco do Zacarias, ali, no cantinho da praça. Parece que era coisa dele...

Dele quem?

Ora de quem! Dele. E não se faça de mal-entendido! E ouça que esta lhe interessa. Falavam de uma mulher... “que tinha um jeitinho brejeiro de requebrar os quartos, os quadris... por isso botaram nela o apelido de “rabinho-de-ouro”.

Seu Hilário fazia que não ligava. Mudo estava, mudo continuava, sisudo, ruminando, ela sabia e gostava.

Ela quem? Gostava de quê?

Eita-pau! Que velho burro! Ela, o rabinho-de-ouro, que adorava o apelido e se vestia de maneira provocante para realçar o arrebite da bunda. Ficava tal e qual uma põe-mesa, uma patinha. Entendeu agora, velho fingido?

Ele, trancado em paus. A velha muda de tática:

Meu velhinho tá zangado, hoje, macambúzio? Embirrou? Amarrou o bode? Emburrou mesmo, peste ruim?

Acho que você não quer conversar por eu conhecer esta dona. Olhe, ela é alta, elegante, bem-feita, torneada, cheia de curvas... Cada coisinha em seu lugar, perfil e corpo de miss, bonita, charmosa, gostosa toda. Ouviu?

O velho fazia que não estava escutando, não estava ligando, mas ligava e escutava, corujando arredio, jururu. Encerrou o assunto, dizendo: Mulheres assim, eu as vi, aos beijos e abraços em bacanais. Naquele filme do “frade” russo.

Foi deitar-se numa rede, bem longe do blá-blá-blá da fofoqueira. E, como escreveu mais tarde, começou a remoer fatos. Rememorar seu passado. Costurar trapos de vida. Unir linhas desencontradas de sua vida. Tentar coordená-las. Descobrir mundos nas entrelinhas da existência, clarear visões apagadas. Desvendar incógnitas. Pôr luz em pontos escuros, obscuros. Esclarecer, por fim, para si mesmo, seu próprio passado. Decidir sua própria vida.

Levantou-se depois bruscamente e, irritado, foi ao mercantil. Comprou uma garrafa de cana e encheu a cara (coisa que não fazia há anos) e saiu vagando de boteco em boteco, de barraca em barraca, de palhoça em palhoça, como se estivesse procurando alguém. Causou espécie o que ele dizia e repetia para todo mundo, embora ninguém lhe desse atenção. Pelo contrário, todos riam dele, pensando ser coisa de bêbado. Ele dizia e repetia. “Não posso esquecer! Não posso esquecer! Mas não falha. A Justiça Divina não falha. Tarda, tarda, mas não falha!”.

“Cheguei ao casarão altas horas da madrugada, de porre, deitei-me em minha “fianca” para dormir, mas a fantasia, sem peias, instigada pelo álcool me descortinou visões e sonhos, cada vez mais intensos e coloridos, numa fantasmagoria universal, louca, alucinante, num cinemaescope

tecnicolor, tudo rodando, doidamente, amalucadamente. Tive um sono intranquilo, nada reparador, entrecortado de arrancos, pulos, roncões e estremecimentos, sonhos e sufocos: um pesadelo!”

Caros leitores, não estranhem esse calor de descrição, porque estou usando o próprio linguajar de seu Hilário, por sinal inspirado, ao reproduzir seu estado d’alma. Por isso passo a transcrever na íntegra seus apontamentos, que me caíram nas mãos, entregues por aqueles dois pescadores. A velha história/estória do garrafão, já do conhecimento de meus escritores, dentro do qual estavam os escritos de seu Hilário e um bilhete fazendo-me herdeiro de todo o seu acervo literário. Daqui para frente, portanto, passarei a transcrever, *ipsis litteris*, suas memórias.

Lógico que aqui e acolá terei que completar, pois os escritos de seu Hilário não estavam coordenados cronologicamente, nem mesmo por assunto.

Seu Hilário era uma pessoa triste, tracadona, macambúzia. Trancadão e macambúzio não dizem nada. Ele era, ontologicamente, um ser amargo. Sem senso de humor. Um solitário, um sofredor. Parecia alegre, espírito aberto, mas no íntimo, era o que ficou escrito acima: essencialmente amargo. E tinha mil razões para ser triste, taciturno, amargo. Vejamos um trecho seu a respeito de como se tornou escritor:

“Depois daquela tragédia no palacete maldito, menos pela idade do que pela desilusão, sem forças para ser andarilho e psicologicamente abatido pelo fato de a vida ter sido muito ingrata para mim, não me restou mais nada a fazer neste mundo do que escrever, escrever, escrever. Continuamente, como uma necessidade imperiosa. E escrever coisas amargas, que alegrias não me sorriam na vida. Minha esposa me havia abandonado, na ânsia de prazeres. Morreu cedo,

pois não tinha estrutura física para tanta bebida. Uma overdose a levou. Deus a tenha. Eu a adorava. Quanto a minha filha...”

Seu Hilário estava só no mundo. Só lhe restava a caçula, pivot da história/estória que deixou lavrada com sangue e muita dor. Dor e solidão. Perdera os pais cedo, pequenininho, e, pequeno ainda, metera a cara no mundo. Nesse mundão-de-meu-Deus que não ajuda ninguém e muito menos perdoa. Selva-de-pedras! Era professor e, aposentado, seu “hobby” era pôr no papel tudo de especial que lhe acontecia ou aconteceria. A si e aos seus. Escrevia para desabafar, como terapia para sua solidão. Era sua catarse. Escrevia tudo que lhe vinha à memória, sem preocupação com cronologia. Jamais pensou em editar um livro. Eu, constituído herdeiro de seus alfarrábios, é que pus seus escritos em ordem, seqüência e lógica, onde foi possível, refazendo todos os lances de suas histórias/estórias. Nada fácil, pois há um labirinto de fatos e acontecimentos entrelaçados na vida de seu Hilário, como que formando uma enorme teia de aranha.

Vamos, pois, juntos, tateando pelos caminhos até encontrarmos os fios da meada, para desvendar os muitos mistérios de sua vida. Nada melhor do que começar pelo que escreveu sobre sua filha Waneide. Seu Hilário tinha sempre consigo um retrato de sua filha a quem chamava, carinhosamente, de Neidinha: “dócil, meiga, inocente, cândida, sem maldades. Linda de morrer! Um encanto de garota, em seus dezoito anos. Uma visão”.

Dias depois, ainda durante as comemorações por ter completado seus dezoito anos, Neidinha havia saído com suas colegas e amiguinhos, quando o telefone toca e seu Hilário atende.

É seu Hilário?

Sim, é ele mesmo.

Venha depressa!

Encontrou-a no hospital, desmaiada, mais morta do que viva. Uma barbaridade.

Que houve com minha rainha?

Calma, seu Hilário. Calma!

Mas o quê... o que houve com minha filhinha?

Chegou aqui, exangue, quase morta, só respirando.

Quase desmaio e, naquela semi-consciência, vejo-a nua, ensangüentada, e os vampiros também nus. Imagino a brutalidade, a bestialidade e ela, indefesa, nas mãos daqueles animais, sendo vio... Perdoem-me, não dá. Não dá para escrever. As lágrimas me toldam a vista e não enxergo mais nada. Queria tanto escrever sobre minha filhinha, para desabafar, mas... Vivíamos felizes em nosso paraíso, quando aquele telefonema...

Este foi sempre um assunto escabroso para seu Hilário. Traumatizava-o de maneira tão veemente que as muitas tentativas de abordar o assunto eram baldadas por algo tão terrível que sempre lhe advinha. Truncava tudo com frases desconexas e encerrava a narrativa, deprimido, com sentenças secas e descrições amargas de seu estado d'alma: “Não posso, não consigo, não dá pra continuar, desespero sem ânimo e só me resta um choro engasgado e convulsivo”.

MAIS MISTÉRIOS

A velhinha, ao voltar da praça, naquele sábado, já noitinha, toda animada, revigorada de fuxicos, tem um susto tremendo, à porta do casarão. Sai correndo, horrorizada, feito louca, julgando estar vendo coisas do outro mundo, proclamando aos berros: “Acudam! Assassinararam o defunto” Sem fôlego, engasgada, tentava explicar: “O sanfoneiro... o sanfoneiro en-vi-ve-ceu de novo... e foi assa-assa-ssi-ssi-na-do ou-tra

vez!”

O quê, Candinha?

Eu vi! E-e-le es-es-tá lá! Ele está lá!

Está lá quem? Calma! O que foi que você viu?

O ressuscitado está lá, morto outra vez.

Não dá para entender. Esta velha tá é doida do juízo.

Chamem a polícia! Chamem a polícia!

De fato, era impossível entender o que a velha queria dizer, aos berros e, muito menos, saber o que estaria acontecendo no casarão em ruínas. Logo mais, a casa mal-assombrada encheu-se de curiosos que voltavam horrorizados. Chamou-se a Rádio Patrulha e, como sempre, os policiais fizeram um cordão de isolamento para conter a multidão. Espalhou-se logo, como pólvora, a notícia de que dois corpos jaziam mortos: o velhinho, que ali residia, e aquele senhor estranho e sumidiço.

Diz que seu Hilário está com uma faca enterrada no pescoço, lá dele, bem aqui.

Diz que a quantidade de sangue, pelo chão, é grande.

Diz que a faca penetrou fundo no coração, secionando a aorta.

Diz que foi na jugular, sangrado como se sangra um porco!

Diz que o outro morreu espumando e vomitando...

Saindo leite pelos cantos da boca.

Quer dizer que um matou o outro. Mas como?

Isso é coisa de assombração, coisa do outro mundo.

Num dixei qui aquela casa é mal-assombrada!

Credo, cruz! Vôte! Agora é qui vai aparecê mal-assombro!

Os comentários corriam de boca em boca, todo mundo encantado com o que via, contrastante com aquela cena de horror: é que, mesmo morto, seu Hilário

sorria. Havia Paz e Felicidade em seus olhos e em sua face cadavérica. E as novidades iam chegando, em migalhas e se espalhando em cascata, ganhando novos contornos, novos coloridos, novos lances, aumentando, avolumando-se, engrossando, todos narrando “a pura verdade” e, de ouvinte para ouvinte, de esquina para esquina, detalhes eram acrescentados ao núcleo verdadeiro dos fatos, mesmo contraditórios:

O ladrão tava lá, saiu correndo pelos fundos.

Diz que já foi preso.

Que ladrão que nada! A velhinha matou os dois. Matou e fugiu.-

Mermo! Ninguém mais viu ela.

Diz qui era macunhêra da pesada!

Juro qui vi um negão pulano o muro do quintá e fui dize e a puliça, num pegô praquê num quis. Num tem mais detetive qui preste. Era segui os rasto. Agora já pisaro tudo i num ai mais pista! No meu tempo de puliça era coisa pra já.

Você viu mesmo esse negrão?

Vi, ora essa! Ele inté saiu correno nuzão pela praia.

E os comentários no mundo, cada um com o seu e sua verdade. De certo, mesmo, só havia o seguinte: na cozinha, uma vasilha quebrada, muito leite pelo chão, sangue e dois copos vazios, cheirando a remédio, às mezinhas que o velho fazia: um sobre uma mesita, próxima a seu Hilário, e outro junto à mão do desconhecido. Mas, a cada nova descoberta ou boato, seguiam-se afirmativas, com força de verdade, as mais fantasiosas.

Eu vi, é a cara do sanfonêro, mais num é ele não. A véia singanousse-si.

Não é aquele grandalhão sumidiço?

Num sei, pode inté sê, só num é nada do sanfonêro tê se ressuscitado.

Ressucitá só Cristo e já faiz um tempão danado.

O grandalhão era membro da máfia.

Não dá para acreditar.

Traficante com vinculações com a Bolívia e a Colômbia.

Diz qui ele é amigo dos ôme do Oriente Médio: Arafá e Cadáfi.

Aquele desinfeliz tem lá imbecadura pra tanto! Do veinho, nem se fala, todo mundo aqui o conhecia e o ôto era um ladrãozim safado, bunda-suja!

E como foi, então, seu sabidão?

Sei lá, sou lá delega. Um matô o ôto: o véio invenenou ele de garrafada e o ôto sagrô o véio de facada.

Pode intê sê, ele não morreu com a boca cheia de leite, vomitano? Quando a gente toma veneno, qué dizê arquém toma veneno, a gente num taca leite no bucho pra mode num morrê, pra mode cortá o veneno e vomitá? Pois é... quando se viu fudido, tacô a faca na guela do véio.

E, então, Luiz, você que é metido a detetive, como vai ficar?

Não estou no caso, mas de uma coisa eu sei: vai dar em nada!

Houve risos, gargalhadas e todo mundo entrou na galhofada:

Final das rigorosas investigações: Máfia!

Briga de quadrilha!

Crime organizado!

- Queima de arquivo!

- Ou tudo isso junto, não

é, turma pai-d'égua?

- Tá tudo pru fora. A

puliça já dixeu cuma foi: o véio invenenou o grandaião e o grandaião matô o véio. O Rasputin, vocês têm razão era pião piqueno da Máfia da Colômbia. Mais a puliça vai investigá quem tá trazeno timbó invenenado do Bolívia.

Timbó envenenado?

Isso mermo! Eu tô pru dentro de tudo.

Quem é esse cara?

O pai dele é comissário de polícia.

Aaaah!...

No inquérito, fui arrolado como testemunha para depor, porque mantinha

relacionamento com todos os suspeitos e implicados. Alguns tinham sido meus amigos, desde a infância, e seu Hilário vivia de eternas confabulações comigo. Eu, talvez, fosse suspeito... quem sabe? Preparei-me. Documentei-me e, no dia marcado, lá estava eu, Hortêncio Florentino das Cruzes, certo de me tornar famoso, pois tinha em meu poder documentação e provas com as quais desvendaria todas aquelas mortes: as duas últimas e as cinco anteriores, ocorridas na mansão do contrabandista.

Confirma o que anda espalhando por aí, isto é, confirma perante o delegado que sabe mais do que a polícia...

Sem nenhuma presunção...

Ainda não dei ordem para falar, pois ainda não formulei a pergunta!

?!...

Confirma?

O quê?

Por exemplo, que as cinco mortes anteriores têm ligação com as duas recentes?

E precisa responder? Tá na cara pra qualquer um, mesmo sem ser detetive.

Conhecia o "Rei-da-Castanha"?

Óbvio. Era o contrabandista.

Como sabe que era contrabandista?

Seu delegado, é do conhecimento de todos.

E quem era o grandalhão?

Alberto, Albertão, amigo do contrabandista e meu também desde pequeno, apelidado Rasputin...

Silêncio! Continue.

Um andava atrás do outro.

Um quem? Outro quem?

Seu Hilário e Rasputin. Um queria pegar o outro. Rasputin sabia que o veneno, na casa do contrabandista, se destinava a ele, por isso queria matar o velho. Eles se odiavam. Ambos conheciam a mulherzinha que morreu...

Espere. Escreve aí: "A testemunha diz o cabeçalho já está feito, não? A testemunha diz que Rasputin, o Albertão,

como era seu nome verdadeiro, conhecia o velho, seu Hilário, e a mulherzinha que morreu na casa do contrabandista, quero dizer, do Rei-da-Castanha, seu Ricardo; que eram inimigos e um queria acabar, matar, com o outro; que Alberto sabia que seu Hilário tinha envenenado o pessoal que morreu na casa do contrabandista e que a mulherzinha morreu em seu lugar, daí porque queria se vingar, dando fim ao envenenador, quero dizer ao fazedor de mezinhas, no caso o senhor Hilário.

Agora, seu Hortêncio, como provar tudo isso? Onde estão as provas?

As provas, só as mostrarei depois. Quero que constem mais afirmações minhas, como a que Rasputin era irmão gêmeo do sanfoneiro morto; que sou amigo de seu Hilário, daqui da praia, há anos e amigo de infância dos outros cinco. Quero também deixar bem claro...

Você quer é aparecer, não é? Silêncio! Silêncio! Muito bem, isso tudo nós já sabemos de sobra. Agora vamos:

“Quem era a mulherzinha morta, quem era ela?”

Para dizer a verdade ainda não sei direito.

Então diga algo mais que você sabe.

Rasputin morreu por engano. De besta.

Houve gargalhadas, na sala de audiência. O delegado ficou uma fera e alguém comentou: “Iiih!... seu Florêncio está se complicando e vai quebrar a cara, vai terminar se fodendo todo, com polícia não se brinca, principalmente delegado do interior”.

Silêncio! Silêncio! E peço, pela última vez, à testemunha que se comporte, está diante de uma autoridade, em caráter oficial.

Excusas, Excelência! Posso explicar.

Então explique-se logo.

O veneno estava preparado para o próprio seu Hilário, que queria se suicidar, mas Rasputin, querendo comemorar

sua vitória por ter saído vivo da tragédia já do conhecimento geral, e porque, afinal, ia “pegar” seu arquiinimigo, tomou o “contreau” envenenado que o velhinho havia preparado para si próprio.

Lembro mais uma vez à testemunha, aliás, interrogado, que está falando “em termos” e que não há lugar para fantasias. Quero provas.

Eu as tenho.

Espero que sim para seu bem.

Ouso lembrar que, há mais de um ano, pesquiso crimes e que cinco dos mortos eram meus amigos de infância.

O que o torna também suspeito.

Não sou réu, senhor delegado.

Mas suas palavras podem implicá-lo.

Será que vou precisar constituir advogado?

Talvez precise. Se não provar nada, tomarei seu depoimento como insulto ao poder policial constituído. Quais suas ligações com o senhor Hilário.

Simplesmente amigo de longos, longos papos.

Então foi ele que lhe contou tudo?

Foi e não foi. Espere. Explico. Vivo, ele nunca me falou a respeito. foi através das provas que ele me deixou de herança.

Amigos de longos, longos papos... e de que falavam?

Tudo: pescaria, jangada, chuva, sol...

Quero saber a respeito dos crimes!

Nada. Nunca me disse nada a respeito, apesar de ter matado meus amigos.

Eram seus amigos, você sabia de tudo... e por que não deu parte, antes, hein? Por quê?

Porque só vim a saber, depois da morte do velhinho.

Já o admoestei, nada de leviandades. E fim de papo. Onde estão as provas?

Ei-las. (Entreguei ao senhor delega-

do o calhamaço de escritos que seu Hilário me deixara de herança).

Ricardo, o contrabandista, o Rei-da-Castanha, sempre me solicitava preparados à base de açaí (E como ele adorava açaí), para curar ou prevenir resacas. Dizia que minhas mezinhas eram milagrosas e sempre havia, na suíte principal, à qual pouca gente tinha acesso, um ou dois vidros de “contreau”, sabor açaí, indústria minha, para essas ocasiões. Naquele dia, pediu-me que renovasse o estoque e o reforçasse porque iria dar uma grande festa. Atendi, prontamente, e eu mesmo fiz questão de servir-lhe a primeira dose do “contreau comemorativo”.

Doutor, vou botar logo as quatro doses de seus amigos mais íntimos, os inseparáveis.

Isso mesmo, você adivinha meus pensamentos. Para nós cinco: Eu, Aldemir, Alcindo, Tenório e o irmão gêmeo do sanfoneiro, Albertão, o Raputin

Deu uma gargalhada gostosa e sarcástica. No brilho dos olhos um prazer orgástico, diabólico! Minhas mãos tremaram. Mordi os lábios. Um fogo, uma raiva concentrada me subiu à cabeça, senti um escurecimento de vista, uma leseira pelo corpo todo, as têmporas latejando furiosamente. Para não cair, segurei-me à mesinha, os copos tilintaram. Meu Deus, vou botar tudo a perder! pensei.

Eu vim mostrar a meu amigo... sua suíte...

En-canta-do! Um des-lum-bra-men-to! Um des-lum-bra-men-to. En-can...

Eram os dois amigos insuperáveis, Aldemir e Tenório, já para lá de embriagados, tinham ido certamente muito além da bebedeira de costume. Foi minha salvação, cobrei ânimo.

Pronto, doutor, dois já chegaram.

Ótimo, providencie a vinda dos que faltam: o sanfoneiro e seu irmão gêmeo, o...

Agora mesmo. (Interrompi para evitar que ele pronunciasse, novamente, o nome daquele desgraçado). Agora mesmo!

Espere. Amigos, brindemos ao novo encontro no Iate Real, só nós cinco, os inseparáveis. Nos olhos, o mesmo brilho satânico.

Bra-vo! Bra-vo! Tim-Tim! Este é um licor especial, o néctar dos deuses, as mezinhas milagrosas de seu Hilário. Eilo, nosso milagreiro.

Vi-va! Bra-vo, seu mi-la-grei-ro!

E os dois beberrões emborcaram os copos de uma vez. Ricardo, não. Bebia aos pequeninos, saboreando. Minhas pernas tremiam e só Deus sabe o que me deu forças para ir até o fim com meu plano. Talvez a lembrança de minha filha.

Vou providenciar para que os outros venham logo.

Primeiro, leve meus amigos para suas redes, não estão em condições de conversar. Querem é dormir.

Assim o fiz, apressadamente, com angústia e torcendo para que tudo desse certo. Deixei os dois em suas redes e saí correndo.

Ei moça! Conhece o irmão do sanfoneiro?

O Rasputin? Quem num conhece ele? Tá fazeno o maió sucesso!

Tenho pressa, isto é, o patrão tem pressa, quer que ele vá até a suíte principal para um brinde todo especial. Procure-o e lhe transmita este recado: “É bom fazer amor...”

Vou correno, sei onde tá, no jardim cum a sinhora de fora, meio instranha, brigam, mais logo-logo vão fazê as paiz, num ai quem arresista a Rasputin!... Ai, ai!...

Meus olhos chispavam fogo. Dei um empurrão na copeira, engoli em seco uma imprecação e saí, rosnando baixinho **féla-da-puta**, à procura do sanfoneiro.

Êpa! Um brinde no Recanto-do Amo! Ah senhazinha preu adorá! “É bom fazê amô, singrano as água azuis do oceano!”. Lembra-se? (Rasputin retinha uma mulherzinha, pelo braço, à força) Lembra-se?

Não sei de nada, largue-me, brutamontes. Você está me machucando!

Zangadinha, hein? Você vai mais eu à suíte do patrão, ele vai adorá vê você de novo depois de tanto tempo.

“Saiu arrastando a mulher pelo braço. Não a vi, nem o vi também. Estavam os dois debaixo de um caramanchão. Mas vi quando saíram em direção à suíte do contrabandista.

“Encontrado o sanfoneiro, tive o cuidado de não levantar suspeitas e tratei de dar o fora, da maneira mais despreocupada possível, falando maneiro, o mais sereno possível, soltando gracinhas para disfarçar minha tensão, prestes a explodir. A ninguém causava espécie minha presença. Estava, como sempre em tais ocasiões, distribuindo remédios para curar ressacas, e saí, servindo uma dose aqui, uma dose acolá, sempre falando, conversando, uma talagada aqui, outra ali...

Seu Hilário, suas beberagens são indispensáveis, são... Mais um pouquinho, mestre, hoje é de graça, por conta do chefe. Ô homem bom! Grande coração! Homem bom ta ali.

Ei, mestre mais uma dose de suas mezinhas milagrosas!

Milagrosa nada, bondade do povão que me quer muito.

Escondi-me em minha solidão, na expectativa do desenrolar dos acontecimentos. Tudo estava na dependência do “poder milagroso” de minhas ervas. Em casa, fiquei cismando, imaginando como seria o dia depois. Seria mesmo minha vitória total? Claro. E, prelibando, enchi um copo de cachaça braba. Queria tomar um porre, queria comemorar e, também, acalmar o espírito... e dormir.

Pena que não sabia por onde minha filha andava. Talvez pelo mundo, ensandecida. “A Justiça Divina tarda, mas não falha!”. Espero por ela, a Justiça Divina. Hoje é seu dia “D”, a hora “H”. Não pode haver falha. Minhas ervas farão o milagre, não são milagrosas? Não há de haver chabu!

“No outro dia, cedinho, soube das cinco mortes. Ninguém neste mundo pode imaginar a dor, o ódio que senti ao ler as notícias nos jornais, quando entre os mortos havia uma mulher e nenhuma alusão ao “frade”. Justo ele não constava na relação dos falecidos. Passei vários dias à procura dele, mas em vão. Nada, Sumira mais uma vez. Nem sequer fora ao enterro dos amigos. A desilusão, a frustração, o desespero, a raiva, o ódio mortal amarguravam, de maneira insuportável, minha existência e me abalaram os nervos. Despenquei. Abatido, derrotado, moral e fisicamente, as forças se me esgotando, o entendimento ficando confuso, débil o raciocínio, sem apetite, definhando a olhos vistos, na impossibilidade de encontrar o “frade”, fui-me entregando, me resignando, desistindo de completar a vingança. Para esquecer a derrota, fora de meus planos, a dor de uma procura de tantos anos, embalde, para enganar o logro, amenizar o ódio, o desespero, o fracasso, a frustração... escrevo, escrevo, escrevo. Escrevo desesperadamente. Tentei histórias de amor, rasguei-as todas, eram sem sal. O que me domina e atormenta são paixões malditas... e a saudade infinita de minha filha.

“Hoje é sábado. Mais de um ano sem notícias. Aguardo, com ansiedade, a visita semanal de Firmino e Fulgêncio, dois pescadores que residem aqui perto, mas gostam de pescar, de tarrafa, no pontal além. Eles sempre vêm aos sábados pegar mezinhas, pagas com saúnas e tainhas. Está no tempo de elas aparecerem e, naquela ponta, os cardu-

mes são enormes e é local bom de tarrafejar...

Quando chegar a época das pescadas, não estarei mais entre os vivos... Minha dose de "contreau especial" já está preparada bem aqui, pertinho de mim, ao alcance da tremedeira de minha mão. É só Fulgêncio e Firmino chegarem e partir que darei fim a tudo, levando comigo o desgosto de não ter podido executar o responsável principal pela desgraça de minha "Rainha", ele, ele... o "frade. Foi ele quem a levou para o iate... ele, o mais violento, mais tarado, mais selvagem, mais bestial, satânico! Uma pena! Morrerei com esse peso. Aliás, nem cheguei a conhecê-lo, só lhe sei o apelido, mas desisto, as forças me abandonam e o cumprimento de minha promessa está ficando difícil... para não dizer impossível. Desisto". Mas como o desgraçado escapou? Terá chegado atrasado? Descobriu tudo e obrigou aquela mulherzinha desconhecida a beber o "contreau" que lhe estava destinado? Será? Só Deus sabe. Não sei como ele é. Dizem-no alto, feio, feroso, garanhão, diabólico, uma besta-fera. E minha filha, tão delicada, tão débil, tão meiga... Não quero mais lembrar, mas a mente cansada, a fraqueza, teima em me recordar tudo. Tenho vertigens, tenho visões, verdadeiras alucinações eu sei, e o remédio para me livrar delas é escrever, escrever, escrever. Foram meses de sofrimento, no hospital e, depois, restauraram traumas, seqüelas, frustrações, revolta desesperançada e infrutífera... e a insanidade. Será que ficou biruta, mesmo? Dizem que a Justiça Divina tarda, mas não falha, nunca falha. Será que falhou pela primeira vez?

E o que ela poderia ter feito, para se defender? Nada. Imagino a cena e me revolto, impotentemente. Dá-me um embrulho no estômago e vomito e fico, cada vez mais fraco. Estou esquelético, quase cadavérico. E o que ela poderia

ter feito para se defender? Nada. Imagino a sensação terrível de inutilidade, sem poder reagir, sem ter a quem recorrer, a quem pedir socorro, só lhe restando sofrer, indefesa, entregue à sanha animalesca, brutal, demoníaca dos cinco brutamontes, seus algozes. Não suporto mais escrever, as lágrimas descem copiosas, minha visão são névoas. Nem esse lenitivo de poder testemunhar para a História me resta... E o que ela poderia ter feito para se defender? Acho que já fiz essa pergunta antes. Nada. Não podia fazer nada. E por que Fulgêncio e Firmino não chegam? Logo hoje...

Minha perturbação passou, estou mais calmo. Não quero terminar este relato com coisas tristes, quero, por um momento, nesta hora sublime de minha vida, esquecer o que houve de perverso e maléfico e vingativo e lembrar a joíha que ela era, nos seus dezoito anos, antes de seu martírio: um encanto de menina, inocente, cândida, sem maldades no coração e na mente, boa por natureza, um anjo".

"Anjinho de Bondade, teu pai vai a teu encontro, no céu, brevemente, prepara uma acolhida gloriosa para o velhinho. Ele merece. Foram anos e mais anos de sofrimento, de solidão. Sou pecador, eu sei. Tramei toda a vingança que, infelizmente, não foi completa. Mais do que o ódio, foi o amor que me moveu, amor de pai. Filhinha, prepara meu lugar bem pertinho de ti, já cumpri meu purgatório, sozinho, esquecido, largado neste casarão abandonado, em ruínas, fedorento a mofo. Meus sofrimentos são ou não são um bilhete de entrada gratuita no Céu? Minha alma foi purificada e tomada santa, no cadinho da Dor. Existe melhor passaporte do que este: Sofrimento e Dor? Só se for o Amor. E Amor este velhinho tem em abundância e superabundância, em seu coração.

Parece que seu Hilário já estava tresvariando, perdendo a noção das coi-

sas ou já estava mesmo com o espírito pairando em outros níveis da existência. Seu relato, além das repetições e estilo todo arrevesado, toma, agora, rumo incompreensível, destrambelhado. Haja vista este monólogo atravessado, como se estivesse diante de seres de outro mundo, visões “al di lá” de nossos limites corpóreos:

Entra anjinho do céu, veio me buscar? Eu bem que sabia, foi ela que lhe deu meu endereço, não foi? Não? Foi São Pedro? Ele me mandou uma mensagem? Que velhinho bom, São Pedro! “Acompanhei com invulgar interesse tua trajetória terrena, que tu mesmo escolheste e saíste vitorioso desse lugar de provação. Tu’alma já está purificada, estás puro, sem jaça, pois o Amor te guiou e preparaste uma vingança “sem vingança”. Vem! Entra, tua filha te espera e, doravante, serás “Espírito de Luz!” ... “Não, não, não! Não vá embora, mensageiro divino! Quem és tu? Como te chamam? Elias? Gabriel? Não, não, não! Não vá embora! Tá tão lindo, tão bonito, tão angelical, tão divino...”

E por que Fulgêncio e Firmino não vêm? Por que demoram? Logo hoje?! E minha dose de “contreau” tão paciente, prontinha à minha espera. Estamos aqui, só nós dois: eu e a dose. A velhinha como faz todos os sábados, domingos e feriados, saiu para a pracinha ouvir histórias “causos”, ampliar seu arsenal de fofocas ou fazer “pesquisas” para mim. Será que, logo hoje, irá trazer notícias dele? Não adiantará mais...

Não adianta mais é transcrever as “trevações” de seu Hilário. O importante é dizer que, pelo desenrolar dos acontecimentos, cheguei à conclusão de que, além de já fraco-da-cabeça, ele quase não enxergava mais, senão teria tido o maior susto de sua vida. É que batem à porta. “Um homem alto, feio, quase horroroso, queixo fino e comprido, dentes, olhos vivos, de gato-do-mato, fron-

te protuberante, cabelos pixaim, encarapinhados e ralos”. Fica parado, no umbral da porta, observando, sem dizer uma só palavra. Logo atrás, quase ao mesmo tempo, chegam os dois pescadores.

Até que enfim, Fulgêncio! Firmino também veio?

Veio sim, mestre. Mais quem é esse sinhô?

Que senhor?

Ali, na porta da frente, em pé.

E há alguém lá? Deve ter vindo à procura de ajuda. Tenha a bondade de esperar um pouco.

A dose de “contreau” também ficou aguardando, impacientemente, ao lado do velho, ao alcance da tremedeira.”

Fulgêncio, pegue ali sua meizinha e leve também este outro pacote para entregar e um amigo meu, pescador amador, cujo nome é Hortêncio.

Seio quem é, cunheço o ome, ôto dia nois dois...

Esperre. Quero escrever um recado:

“Sinto, cada vez mais, os urgentes chamados de minha filha. Atenderei a este senhor e, logo-logo estarei perto dela, meu “contreau especial” fará o milagre da transferência. Minha filha, perdoe por minha vingança não ter sido completa e a Justiça Divina, de tento tardar, ter dado chabu. Ter falhado. Hortêncio, faça-o herdeiro de todos os meus escritos e guardião de meus segredos todos, cuide de tudo com carinho e devoção, pois lhe confio minh’alma, minha vida”.

Pronto, Fulgêncio, pode levar tudo, leve esta máquina de escrever também. Aproxime-se, amigo. Que deseja?

Foi então...

Foi, então, que seu Hilário percebeu que aquela figura estranha, aquele homem “alto, feio, quase horroroso, queixo fino e comprido, olhos de gato-do-mato, cabelo pixaim...” era Rasputin.

Os pescadores, meio desconfiados,

aguardaram um pouco, depois pegaram seus pacotes e se foram.

.x..x..x..x..x..x..x..x..x..x..x.

Sofri muitas noites de insônia e estudo, folheando os alfarrábios que seu Hilário me deixara. Mas compensou. Para que a gente possa sair desse emaranhado de fatos, faz-se mister conhecer mais um documento, achado por acaso por mim entre as toneladas de escritos de seu Hilário. Ele é o fio que nos conduzirá à saída do labirinto, à elucidação de toda essa trama. Antes, porém, passemos uma vista no depoimento de Firmino e Fulgêncio. Faz-se mister tomar conhecimento dele também.

Vocês estavam no casarão, na hora da morte de seu Hilário e do Grandalhão?

Nóis num tava não sinhô.

Estavam. Sabemos de tudo.

Apois sôbe errado.

Não mintam. Foi na hora quando receberam a encomenda para seu Hilário. Foi ou não foi?

Nóis num viu nada. Nóis só foi buscá meizinha.

E não se encontraram com o Rasputin, o grandalhão?

Não. Nóis só viu ele, parado no portá.

E o que ele queria?

Nóis num sabe, nem pergntemo.

Então vocês viram e falaram foi com uma alma do outro mundo, não foi?

Nóis num viu nem falô cum alma do outro mundo, não. Nóis já dixê. Quem tava lá, parado no portá, era o grandaião.

Então vocês não estavam lá, na hora da morte deles dois, seu Hilário e Rasputin, não foi? Muito bem. E antes? Ouviram alguma coisa? Eles conversa-

ram, brigaram?

Nóis num viu eles conversando, não. Muito meno brigano.

E o que diabo vocês viram... ou ouviram?

Nóis só uviu quando ele falô e dixê... Aliás, nóis já ia saino quando ele dixê:

“Amigo, dei um presentim pra sua fia. Devera de sê a fia de seu Hiláro. Nóis nem sabia qui ele tinha fia.

“Só isso?

Não. Ele acrescentou: “... e agora vim comemorá com o pai dela”. Nóis paremo e olhemo pra trás. Aí ele tumô o copo qui tava pertim de seu Hilário. Aí seu Hilario ficou assim meio apalermado, mais sorrindo. Aí ele foi logo dizeno: “Sou de paiz. Aprepare ôto copo pra tu, vovô”. Tinha carim na voiz dele, num era Fulgenço?”.

Era não, seu delegado. Carim uma ova! Num gostei do jeito dele não, nem do tom de sua voz. Aparecia zombaria.

.x-.x-.x-.x-.x-.x-.x-.x-.x-

Entre os papéis de seu Hilário havia um envelope com a rubrica de “secreto. Escrevera-o ainda lúcido, título em letras garrafais, vermelhas, cor de sangue.

C O N F I T E O R

“Confesso que, quando me caiu às mãos aquele opúsculo, narrando tudo acerca de minha filha, desisti de viver. Não pela divulgação dos horrores, nem pela brutalidade como as perversidade foram descritas, mas, principalmente, pela crueza de uma revelação que só diz respeito a mim e da qual, até aquele instante, nem eu mesmo havia tomado conhecimento.

Lá estavam duas fotos dela, bem

nítidas. A primeira, de sofrimento e pavor: seu rosto abatido, desfigurado, após a curra. A Segunda, seu retrato aos dezoito anos, fotografia antiga, iluminada por seu sorriso franco e encantador.

Abaixo esta explicação: Ambas são da mesma pessoa, por incrível que pareça. De Waneide, a Neidinha, encontrada morta, quando da tragédia no palacete do Rei-da-Castanha”.

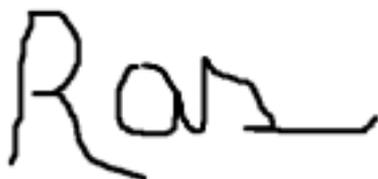
Nesse momento aziago e nessas circunstâncias, resolvi me suicidar porque acabava de tomar conhecimento de dois fatos horríveis:

Por ironia do destino, minha filha havia morrido em lugar do “frade”.

E, mais terrível ainda, eu, seu pai, tinha sido seu **ASSASSINO**.

A VOZ DO MORTO

Nos estertores da morte, seu Hilário, num esforço ingente, ecreveu, ainda, uma derradeira e desesperada mensagem: no chão, rabiscando com o dedo molhado em seu próprio sangue, iniciou a grafia de um nome. Só três letras compreensíveis, tortas, grandonas, malfeitas, tremidas:



Seu rosto, mesmo cadáver, sorria. Houve quem dissesse: **“Ele sorri. Ele parece que quer falar. Ele Morreu feliz!**

Parece que em “Estado-de-Graça-e-Felicidade”.

Era essa, aliás, a impressão de todos: o velho sorria, queria falar.

Herdeiro dos segredos de seu Hilário, só eu entendi o porquê daquela Paz, daquela Felicidade.

Só eu sabia. Somente eu estava a par de tudo.

Só eu “ouvi” a voz do morto a dizer: **FILHINHA, CUMPRI MEU JURAMENTO. MORRO FELIZ**

CONTOS ESCOLHIDOS

ARMADILHA DO DESTINO.

Na despedida, ainda à porta da Casa Grande. Ele tentou demover o coronel. Que aquilo não ia dar certo. Que seu menino nascera para viver no mato, na fazenda. Que ele tinha “instinto carnicero”... e que o lugar dele era no mata-douro.

Mas nada.

Casado de novo, o coronel o alojou numa casita na Rua do Pau-Num-Cessa, no Alto-do-Cabelão, por trás do curtume. Faz cinco dias que chegou. Não gosta do lugar por causa do fedor que exala o couro curtindo ao sol dentro dos tanques com preparos químicos. Nem gosta também do aperto do lugar. Madrugadinha percorre seu roteiro diário, quase um ritual. Fica vendo a vida se espalhar na cidadezinha do interior. Vê passar pelas ruas apertadas o vendedor de pão e o leiteiro, que deixam a garrafa e o saco de pão ao pé das portas. Observa a calçada do açougue que já formiga: seu Josa aboletado em frente ao portão principal, com sua banca de verduras e seu Joaquim com seus caçoais de fruta. Pára para ver a faina

de Zefinha. A fumaça do fogareiro se esgueira no pé da parede, pega carretilha no vento encanado e se dana no mundo, enchendo as narinas com o cheiro gostoso da carne que começa a grelhar e assar. A carne do cozido já pega fervura na panela na trempe de tijolo, as toras de mofumbo, jurema e marmeleiro, quase em brasa. Fumaça que arde nos olhos vermelhos de dona Mariquinha, atarefada em peneirar a goma para a tapioca. Zefa logo mais, como sempre, passará oferecendo o cafezinho:

Quentinho! Olhe o quentinho para espriar o frio!

Fica escorado na parede, pernas cruzadas, mão na testa, esperando o tempo e a vida passarem. Observa tudo. A turma da limpeza já fez seu trabalho, de madrugada. Está tudo lim-pinho. Os açougueiros preparam seus boxes. Tudo bem dividido. Carne de primeira, de segunda, carne com osso, porco, toucinho, bode, carneiro, miunça. Resmunga, amuado: Tudo muito bem, mas aqui não é meu lugar.

Os compradores já começam a chegar. Talhadores, donos e arrendatários de boxes se esgoelam na oferta de seus produtos. Aquela moça bonita, esbanjando simpatia e beleza. Seu nome é Xandy. Alguém grita: 'um quilo de chandy... dentro!'. Nem olha mais. Ri. Um riso de aprovação e satisfação. Pede mesmo um quilo de chã-de-dentro, um filé e sai desfilando dengue para a ala das verdurass. Josa arregala os olhos, abre a boca, estala os lábios: Que traseiro! Benza-o Deus! Zé Miana nem se toca. Só tem olhos para sua Zuíla.

No fundo do prédio velho, mal tratado, carcomido pelo tempo e pelo sal, já esburacado pelo câncer-de-parede, fica o galpão da derruba. Os ganchos vazios, velhos, enferrujados, aguardam os quartos de boi que vêm do matadouro.

Zé Miana abomina tudo. O chão é sujo. Pelas canaletas ainda escorre a

salmoura e a água imunda da limpeza dos boxes. Os magarefes tomam café, brincam, soltam piadas, falam da vida alheia. O sangue grosso, apodrecido, exalando malcheiro, a escorrer nas canaletas. Cachorros por todos os lados. Zé Miana açoita aqueles animais, doentes de rabugem, orelhas fedorentas, sangrando nas feridas abertas pelas mordidas, em suas eternas brigas por sexo e comida. Mete-lhes o chicote. Tem saudades de seu cachorro de caça, Leão, bonito, forte, valente. Bem tratado. De estimação. Zé Miana não se entrosa com a turma.

Está sempre de fora, segurando a parede, pernas cruzadas, alheio à vida em redor. Lá na fazenda era absoluto. Sua vida era na matança do gado. No matadouro.

Uma cachorrada passa brigando, todos se mordendo, enroscando-se, rosando, latindo. A muniça dos vira-latas atrás de uma cadela no cio. Atravessam o galpão, saem para a rua, a molecada atrás, jogando pedras, baldes d'água, gritando, dando urros, vivas, batendo palma quando acontece um engate. Mas o prazer dura pouco. O felizardo é logo derrubado naquele furdunço ou pelos outros cachorros desesperados ou pelas pedradas dos meninos. Outro tenta o engate. Sobe. Cai. E assim vão subindo e caindo. Sobem todos ao mesmo tempo. Sobem uns nos outros sem respeito a sexo; trepam nos quartos, nos lados, na cabeça; gozam em todas as posições. Todos galados. E a cachorrada vai em frente. A gurizada atrás curtindo essa diversão de matutos da cidade. Gozando com a putaria. Zé Miana não. Não participa da farra e algazarra divertida dos demais. Continua sozinho no galpão.

Ao voltarem aos trabalhos os magarefes encontram um cachorro velho sangrando ao pé da parede. Zé Modesto se ajoelha ao lado. Morto. Faz uma oração,

o coloca numa sacola e sai com ele para enterrar num terreno baldio. Forma-se uma procissão e seguem sem trocarem uma só palavra. Voltam ao trabalho que mais mantas, quartos de boi não param de chegar no caminhão-da-carne. Zé Miana, amuado, recebe friamente a desaprovação de todos. Resmungando baixinho: “meu lugar não é aqui! É no matadouro.”... e com furor se esbalda na derriba do boi. Separa as partes pelas divisões naturais, seguindo os caminhos de peles da anatomia. Separa a bola do patinho da ponta mole e macia. A alcatra. Vai aviando tudo, escarnando as partes com osso, separando chã-de-dentro, chã-de-fora, lagarto paulista, acém, posta gorda, filé, contrafilé, filé-de-pescoço-para-enganar-os-bestas. Trabalha com raiva. Parece um condenado. Separa a melhor parte da mão-de-vaca, escolhida pela gordura e quantidade de tutano, para Zuíla fazer aquele pirão.

Terminado o trabalho, o velho Zé Modesto se achega a Zé Miana e pergunta porque foi que ele fez aquilo. Termina de lavar a peixeira, olha para o velhinho, enfia a faca na bainha, por trás, cobre-a com o pano grosso, de brim, da camisa e apenas diz: “Deu vontade, e daí?!” Afasta-se engrolando a fala: “Meu lugar é no matadouro!”.

Na calçada a conversa fiada corre solta. Falam que toda sexta-feira corre lobisomem na Rua do Pau-Nun-Cessa, no Alto do Cabelão. Uns afirmam que lobisomem não existe. É gente mesmo. E falam baixinho que os gaviões botam os chifrudos para trabalhar de noite e vão fornicar com as mulheres deles. Contam que um dia desses pegaram um, mas se calaram. Gente importante. Muito dinheiro para comprar o silêncio. Tutu alto. Repetem que está provado que lobisomem não existe. O que existe é corno safado que vende a mulher. João Valentão. E hoje é dia. Só do coronel João Florêncio são esperadas

mais de dez reses, para serem derrubadas ainda esta noite, para a feira de amanhã. O serão vai varar a noite. Quem tem muié nova e bonita que se cuide. Só do coronel João Florêncio, mais de dez bois. O serão vai varar a noite.

No pátio interno os ganchos vazios esperam os quartos de boi, para a derribada, Cabeça baixa, Zé Miana afia a faca-peixeira. Pára o vai-vem na pedra de amolar, experimenta o fio no cabelo do braço, com a ponta da unha tira som na lâmina. Guarda a paraíba, socando-a na calça por trás, com a camisa de pano grosso, brim, encobrindo o volume. Sai devagar, se arrasta, arrastando consigo sua tristeza e seus pensamentos, para dentro do açougue. Vai remoendo “quem tem muié nova e bonita que se cuide!”

Encostado à parede, segurando-a com o braço, pernas cruzadas, vai remexendo no juízo acontecimentos, conversas ouvidas em seus últimos dias na fazenda. Zé Miana fecha os olhos, espremendo a memória. Zuíla traz a bandeja de café, bem arrumadinha, acompanhada de bolinhos de milho e tapiocas alvinhas. A conversa vai em frente, animada, e termina quando o coronel decreta a ida dos dois, Zuíla e Zé Miana, para a cidade, com casa para morar e emprego garantido para os dois.

Logo no primeiro dia, ao voltar do trabalho, à tardinha, Zé Miana avista, de longe, do topo da ruela apertada, o carrão do patrão parado à porta. Apresisa o passo, entra em casa e dá de cara com o coronel, sentado todo à vontade, no único móvel digno, um sofá velho, remendado, e o coronel a dizer para Zuíla que estava faltando muita coisa em casa, mas que ele ia arrumar tudo: uma cama para o casal de pombinhos, recém-casados, um fogão à gás, cadeiras no lugar daqueles tamboretetes... Não se acanhassem de modo algum. O de que precisassem ele, coronel, mandava aviar na hora.

Tomaram café juntos, os três. Na

despedida o coronel, voz melosa: Apareçam. Vão conhecer a Casa Grande.

Sexta-feira,. Enquanto aguardam a chegada do carro-da carne, a mesma conversa de sempre no açougue: muito gado para derrubar, serão, lobisomem na rua do Pau-Num-Cessa. Terminadas as tarefas, já tarde, vão todos para o botequim, tomar cachaça. Zé Miana se atrasa um pouco, sentado numa pedra, amolando a peixeira no mesmo ritual de sempre. Em vez de se dirigir ao botequim, toma o rumo de casa.

Tudo escuro. Só aqui e acolá uma luzinha mortiça de lamparina, espantando a escuridão e brincando de transformar as plantinhas em fantasmas. Ao vencer a ladeira do beco mal-assombrado vê um vulto, embuçado num manto preto. Mergulhado na escuridão, Zé Miana aguarda e quando a assombração se aproxima de sua casa, arranca na carreira. O bicho corre e os dois desaparecem ladeira abaixo, no Beco-do-Escorrego.

Zé Miana volta logo. Encontra Zuíla à porta, espantada. Agarra seu braço com força e a arrasta para a camarinha.

.x-.x-.x-.x-.x-.x-.x-.x-.x-

Sábado, pela manhã. Zé Miana sempre trancado se achega e fica escorado na parede, pernas cruzadas, mão na testa, esperando o tempo e a vida passarem. Na calçada do açougue, as mesmas conversas fiadas de sempre. Como sempre, falam que toda sexta-feira corre lobisomem na Rua do Pau-Num-Cessa, no bairro do Alto-Do-Cabelão. Uns confirmam que lobisomem não existe. É gente mesmo. E falam baixinho que os gaviões botam os chifrudos para trabalhar à noite, nos serões, para poderem fornicar à vontade com as mulheres deles.

Contam que um dia pegaram um tal desses lobisomens... Mas se calaram. Gente importante, Tutu alto. Repetem que lobisomem não existe. O que existe é corno safado que vende sua muié.

Como sempre, Zé Miana se isola, arredio, amuado, calado, cabeça baixa. Sempre e sempre afiando a faca-peixeira. Pára um instante, experimenta o fio no cabelo do braço. Com a ponta da unha tira som na lâmina, depois guarda a paraíba na bainha, socando-a na calça por trás, com a camisa de pano grosso, brim, cobrindo o volume.

Chega o carro-da-carne. Todos se levantam. Os quartos de boi são dependurados nos ganchos e principia o furor dos facões, das machadinhas, das peixeiras, quebrando ossos, esfolando carne, sangue a escorrer, um lufa-lufa dos infernos. Zé Miana, com fúria redobrada, se sataniza na derrubada do boi.

De repente, a notícia começa a se espalhar, como água no início da sangria do açude: a princípio, de leve, depois toma volume e vai engrossando. Houve marmota na rua do Pau-Num-Cessa. Pegaram o lobisomem. Gente importante. Pegaram, não. Mataram. Por fim, a notícia-bomba, confirmada, notícia verdade-verdadeira: Mataram mesmo o lobisomem. Era o coronel Florêncio.

Zé Miana, despreocupado, continua separando as partes pelas divisões naturais, seguindo os caminhos de pele da anatomia. Separa a bola do patinho da ponta mole e macia. A alcatra. Vai aviando tudo, escarnando as partes com osso, separando chã-de-dentro, chã-de-fora, lagarto paulista, acém, posta gorda, filé, contrafilé, filé-de-pescoço-para-enganar-os-bestas. Nesse dia não separa a melhor parte da mão-de-vaca.

Terminadas as tarefas, os empregados do açougue se apressam em ir para a casa do coronel. O enterro está para sair. Zé Miana guarda suas ferramen-

tas de trabalho. Sem pressa. Guarda a faca-peixeira na bainha, socando-a na calça por trás, com a camisa de pano grosso, brim, encobrindo o volume, e segue, calmamente, para casa. Vai à cozinha, tira uma lapa de carne-de-sol e bota para assar, no fogão. Enquanto espera, vai tomando umas talagadas de cachaça. De quando em quando rasga um pedaço de carne nos dentes e derruba mais uma talagada de cana. Por fim, faz o prato, vai para a parte da frente da casa, arma a rede no alpendre e se deita.

Cajazeiras, 1940

O CAÇADOR.

Dois tiros: Pei!...Pei! O anum-espia deu o alarme e o bando se dispersou, num alarido tremendo espantando a bicharada. Jaçanãs e galinhas-d'água cuidaram de se defender, em algazarra, açude adentro, primeiro patinando sobre as águas e depois alçando vôo rasante. A cabeça de um mergulhão, espantado, surgia e sumia aqui e acolá. Sempre mais longe. Debandada geral, em fuga. A turma reunida, na tocaia por trás das pedras ao lado do sangrador do açude, em conversa animada, reclamava dos tiros que haviam espantado a caça e se perguntavam quem teria sido aquele desmancha-prazer.

Um casal de jaçanã continuava em idílio num molho flutuante de capim, à beira do aceiro. Zé Rosa, silencioso, pisando com muito cuidado, abrindo caminho com as mãos, levemente, vagorosamente, procurava tocaia por trás de uma touceira de capim-gordura. Com água nos peitos ficou dormindo na pontaria. No alto do paredão do açude, um molecote aguardava, sentado, brincando de vaqueiro, tocando seu gado de osso,

pacientemente.

Quase no meio do açude um mergulhão imergia e emergia, compassada, cronologicamente. Sobe-desce, a cabecinha ora aparecendo ora submergindo, e sempre se afastando mais. No aceiro do mato, o casal de jaçanã, em idílio, continuava em sua dança de acasalamento.

Um estalido seco de ferrolho de gatilho e o mergulhão fica “peneirando” à flor da água. Esperneia, estrebucha... e fica boiando, imóvel.

Novo tiro. Nova queda. Uma jaçanã. A outra, apavorada, com gritos estridentes e bater de asas pesado, faz circunvoluções, como se estivesse andando sobre as águas, asas abrindo e fechando, batendo seu desespero, cuidando de fugir. Alça vôo. Faz uma grande curva, aberta, quase noventa graus, ganhando altura, num vôo harmonioso. Sofre abruptamente um impacto tremendo que a impulsiona e a joga para cima. Perde sua majestade e o equilíbrio, tranca as asas, rodopia e desce em pique, feito uma flecha.

O moleque solta um grito de alegria lá de cima e desce o paredão do açude, tira a roupa, mergulha recolhendo as caças. Longe, um vulto dependura a espingarda na vara de uma cerca de pau-a-pique e se acomoda numa pedra do sangrador. Abre o embornal. Tira o corrimboque e a garrafa de cana. Toma uma pitada de rapé. Tranca o corrimboque, abre a garrafa de cana, toma uma talagada. Esquecido do mundo, puxa baforadas de seu cigarro de palha. Acena para o molecote que vem correndo com a enfieira da caça.

A turma pára de reclamar dos tiros que, como supunham todos, haviam espantado a caça. Entreolham-se encabulados, mordidos de inveja. Lá do outro lado do paredão do açude, um vulto, embornal às costas, vai se afastando e se perdendo de vista. Atrás dele, um

molecote o acompanha dando pulos de alegria.

Cajazeiras, 1940

GALHOS RESSEQUIDOS.

No caminho, de regresso à cidadezinha do interior, onde passara sua infância, recém-formado, Eulino lembrava e fazia planos. Lembrava que os dois praticamente foram criados juntos. Moravam perto e estavam sempre juntos. Brincavam juntos. Passeavam, andavam de bicicleta, cavalgavam, roubavam frutas, juntos. Faziam, enfim, as traquinagens de infância, juntos. Lembrava o pomar onde os dois gostavam de se encontrar, sozinhos debaixo de um pé de cajá-imbu, num cantinho escondido do cercado, para onde levavam as limas e goiabas roubadas da propriedade vizinha e onde passavam horas e mais horas, ali, só os dois, curtindo um a companhia do outro. Revia mentalmente o cantinho secreto, debaixo do pé de cajá-imbu, onde escreviam juras de amor, desenhavam corações entrelaçados.

Chega e vai direto para o sítio, a cabeça povoada de recordações e projetos. Em sua mente, os sonhos alimentados por tantos anos, todos os castelos encantados erguidos entre abraços e beijos. Segue assobiando por entre aquelas árvores tão conhecidas e amigas, confidentes.

De longe a avista, com outro rapaz, toda à vontade, desfilando sua faceirice, por entre as mesmas árvores daquele mesmo pomar, mãos dadas, feliz, sorridente, entre abraços e beijos, agarradinhos, andando apressados. Entram no carro, trocam mais beijos apaixonados e partem rindo, às gargalhadas.

Eulino morde os lábios, mastiga sua decepção e sai correndo. Pula o riacho

que parte a propriedade em duas e vai direto a seu lugarzinho sagrado, à procura do pé de cajá-imbu, do pé de goiaba-china, do pé de lima, onde escreviam juras de amor eterno.

Restam somente galhos ressequidos.
Cajazeiras 1942

O NEGRINHO DO CANAVIAL

O casarão parecia mal-assombrado e, lá, na última janela do primeiro andar, naquela hora, aparecia a cabeça de uma moça velha. Um velhinho, muito querido da molecada, todas as tardes ficava cismando, a recordar retalhos da vida. A gurizada chegava e ele os atendia contando suas histórias.

Olhem aquela moça lá em cima. A presença dela me traz recordações de coisas, meninos. Coisas da vida.

Quem é ela, tio?

Filha do senhor do engenho, homem brabo, acostumado a mandar dar pisa nos criados. Eu fui criado dele.

E o tio também apanhou?

Não. Eu, quando homem maduro, era pessoa de confiança do coronel. Capataz. Eu era respeitado. O coronel era durão. Ai de quem não cumprisse suas ordens de dar pisa, castrar, como fez... (Isso foi há muitos anos, quando ela era ainda menina-flor)... com um professor que se meteu a besta com sua filha querida, aquela ali. Mandava até matar.

Ela era levada da breca, trêfega. Gostava de tomar banho, nua, na cachoeira. Fora disso, vivia trancada naquele casarão. Florentino era um negrinho empregado do engenho, caído de amores, paixão, pela patroazinha.

Numa tarde, lembro-me bem, Gislene, aquela ali, passou correndo por entre as valas verdes do extenso canavial. Florentino foi por um atalho, se escondeu por entre o capim da beira-dorrio e ficou esperando. Ela chegou ofegan-

te, suada, mais rosada ainda. Tirou a roupa, desceu a cachoeira, pulou para cima de uma pedra abaixo e ficou tomando banho, vestida somente pela poeira da neblina da cascata.

Florentino saiu de seu esconderijo e foi, pé ante pé, para ver de perto aqueles seios, aquele bumbum roliço, sua tentação. Não se contentando de olhar e se masturbar, pulou também na pedra, a arrastou para a ribanceira, derrubando-a na areia. Gislene gritou, desesperada.

O velhinho parou, tomou fôlego e continuou. Duas mãos fortes o agarraram.

Quem agarrou Florentino, tio?

Silêncio. Lágrimas.

Tio tá chorando? Por quê? Quem agarrou o Negrinho do Canavial, tio? Foi o capataz?

Os gorgomilos subindo e descendo.

Quem foi, tio?

Engasgado, mostrou somente as mãos encarquilhadas e trêmulas.

Nazareth-da-Mata, 1955

A PROFESSORINHA

Era no primeiro andar de um prédio antigo. A escada caindo aos pedaços. O piso carcomido, estragado, rangendo sob os pés. Um corredor extenso, com cubículos apertados de um lado e do outro, donde saíam sons de música brega, gritinhos, gemidos. Lá nos fundos, um salão amplo de onde vinha uma algazarra infernal e ensurdecidora. Luz de penumbra, mais embaçada ainda pelos vapores do álcool e pela fumaça dos cigarros vagabundos e charutos fedorentos. Seu Florêncio entrou como gato ladrão, olhando tudo, observando “farejando” tudo. Uma dona o espiava também de um jeito esquisito, olhar oblíquo, de soslaio. Os olhares se encontraram. A dona passou a rir à vontade, ao vê-lo encolhido, desajeitado. Foi-lhe servida

uma dose de rum. Não houve como entabular conversa. Ele só respondia por monossílabos. A donzela enjoou, por falta de assunto, e seu Florêncio ficou sozinho.

Numa mesa, mais distante, três mulheres olhavam para ele e riam a valer. Uma levantou-se, foi até ele e cochichou algo a seu ouvido. Ficou vermelho como um camarão, esboçou um sorriso amarelo, encolheu-se desajeitado, tremeu os lábios, amarrotou a toalha com ambas as mãos, começou a suar. A camisa, aliás, já estava ensopada de suor. Ele, então, emborcou o copo de uma vez e ela o puxou pelo braço, levando-o para um quarto.

Quando aquela negrona começa a tirar a roupa... quase corre. Não o fez porque as pernas não lhe obedeceram. Desconfiado, encolheu-se a um canto do tabique,

Olhando assustado. Ficou esperando. Então, aquele mulherão ficou totalmente nua, em pé, no meio do quarto, chamando-o: “Vem! Vem fazer amor!”

Seu Florêncio, no princípio, não fez nada. Só ficou olhando. Ela lhe acenando. Resolveu-se e começou a se despir, elegantemente, de costas. Ao voltar-se viu-a deitada na cama, de pernas abertas, viçando, abrindo e fechando. Seu Hilário, nada. Brocha. A negrona virou-se e começou a bater no bumbuzão aloprado. Seu Hilário recuou e quis fugir.

“Ôi, cara! Tá com medo de quê? Um pedaço gostoso deste homem algum jeito. Acaba logo de tirar essa roupa, cara!... Iiih!... Esse negócio funciona ou não funciona?”

Todo encabulado, brocha, foi se aproximando, sentou-se na beirada da cama... e tentou dar uma explicação: Moça, tenha paciência! É a primeira vez? Respondeu só com a cabeça e continuou. Mas tem mais. Mais o quê? É que eu... Eu o quê, porra! Só fez arregalar os

olhos. Você parece que é dondoca, bicha! Não! Não é isso, não. É que eu... É o quê, merda! É que eu... É que eu sou padre.

A negra pulou da cama, gritando: Eu te esconjuro, padre miserável! Um pecado desse eu não cometo. Saiu às pressas, vestindo somente a calcinha, aos berros, pelo corredor: Com esse eu não fodo! NÃO FODO MESMO! Pode ir simhora, te dana. Num precisa nem pagar o quarto e a bebida, fica tudo por minha conta. Só não quero é faltar com o respeito à minha religião.

Voltou, encostou-se à porta.

...Sou católica, seu padre! Seu Florêncio sai do quarto, encabulado, deprimido, esmagado de vergonha e humilhação. Isso é lá padre! Isso é um condenado. Seu padresco duma figa, sou prostituta, mas duas coisas não faço, viu? Duas coisas: respeito as sextas-feiras-da paixão... e não trepo com padre. Dá azar e atrai os castigos de Deus!

Seu Florêncio, aturdido, nem sabia como encontrar a escadaria e a porta de saída. Foi aí que uma garotinha o agarra pelo braço com suas mãos macias, encosta a cabeça em seu ombro e lhe diz ao ouvido, com voz maternal: “Venha comigo, venha!”

Nazareth-da-Mata, 1955.

O B A B A C A

Chega todo empacotado, terno de linho ordinário, estirado, espichado pelas muitas lavagens. Grande demais para seu corpo franzino. Entra no salão de refeições, na hora do almoço, arrastando o peso de seu encabulamento. Desconfiado do mundo. Ex-seminarista. Cara pipocando de espinhas. Livro de orações e formação religiosa sob o braço. Pára no meio do salão e fica mastigando os lábios e batendo palmas com

as mãos, silenciosamente, na frente e atrás. Depois deixa-se ficar, estalando os dedos. Sem ação. Parado.

Vindo não se sabe de onde, a gaiatice de um grito: “Engole ele paletó”. As gargalhadas não param e ele fica engolido por sua timidez, tremendo e roendo os lábios, vermelhidão no rosto. Dulcilene o toma pela mão e o leva a uma mesinha afastada no canto da sala. Ele agradece, embasbacado, morto de vergonha e sentindo cócegas, ao ser tocado pela mão de Dulcilene.

Era um prédio vetusto. Os hóspedes e inquilinos da pensão enchiam os três andares do prédio. Um pardieiro. Deteriorado, assoalho de madeira, carcomido pelo tempo, uso, formiguinhas, baratas, cupins e outros insetos caseiros. Os hóspedes, na grande maioria, eram do interior. Comerciantes e estudantes. Havia hóspedes transitórios, mas a grande maioria era mesmo de permanentes e gente que morava na casa e nela trabalhava só pela moradia e bóia, como Dulcilene.

Enquanto os hóspedes vão à praia, ao cinema, aos bares, ele fica em casa. Torna-se íntimo de Felismina, Dulce e demais serventuárias da casa, onde trabalham somente pela bóia e moradia. Sem quase sair de casa, vai vendo coisas. De seu cantinho escondido, vê quando passam a mão no traseiro de Dulcilene, dão-lhe beliscões. Fica ruborizado e cheio de escrúpulos ao notar que ela gosta, pois nem liga e sai rebolando sua faceirice, desenvolta, rainha entre seus súbditos. Toda vez que Dulce se aproxima dele, mastiga os lábios, puxados de lado pelo rictus da face, e fica logo vermelho, envergonhado, pernas tremendo, nervoso, excitado.

De seu posto de observação vai vendo tudo. Com o tempo, nota a preocupação de dona Quitéria sempre solícita e cuidadosa com Dulcilene.

Da sala-de-janta para trás!

Aos poucos, seus olhos vão se enamorando das coxas, das curvas, dos seios, do requebrar de bum-bum de Dulce e Glorinha. Percebe que Dulcilene apenas serve as refeições e, vez por outra, ajuda Felismina na arrumação e limpeza dos quartos. Esporadicamente, pois, dezesseis anos, dona Quitéria a quer sob suas vistas na copa ou na cozinha. Percebe que Felismina teve que voltar para o ser-tão, porque não pôde mais esconder sua gravidez. Escandaliza-se horriavelmente ao perceber que os gaviões, com a falta de Felismina, caíram de bico, arripiaram em cima da Dulce, improvisada de camareira.

Nota também que coisas estranhas acontecem de vez em quando. Num sábado à tarde Tenório lhe aparece pelo quarto, andando de um lado para outro, ora estalando os dedos, ora fechando a mão direita e dando sucessivos socos na esquerda aberta. Não conversa, não diz nada. Sai apressado, volta, sai de novo... e some. Pouco depois Alaíde o chama, à porta de seu quarto, e o vai arrastando para o interior da pensão. Os dois ficam ouvindo os gemidos baixinhos, acompanhados de fungados e gritinhos de dor.

É Tenório e a Dulcilene. São loucos.

Eugênio volta apressado para seu cubículo, abre seu livro de orações e fica rezando. Logo mais Tenório surge, apavorado, circunciso, sangrando enormemente.

.x-.x-.x-.x-.x-.x-.x-.x-.x-.x-

A vida na pensão continua sem novidades. Eugênio já aceito pelos hóspedes, vai fazendo amizades. Continua encabulado, com o mesmo sestro de bater palmas, ficar ruborizado sem ver porque, morder os lábios, tremer na presença de mulheres... mas progride, vai se civilizando. Perdendo o jeitinho de expadre.

Um dia, ao entrar em seu cubículo,

encontra Dulce deitada em sua cama de solteiro. Descontrola-se. Tremedeira, suor frio. Excitação. Passa a mão nos braços dela, no rosto, nos seios, nas coxas. Por cima do lençol. Afasta-se ao notar que está prestes a sentir orgasmo. Tenta fugir. “Não, não vá embora. Não saia. Fique comigo. Senta aí, na beira da cama. Tá com medo?”

Dulce puxa o lençol um pouquinho, mostrando as pernas e coxas. Suspira, espreguiça-se, faz com que o lençol deslize, descobrindo os seios. “Vem! Sou toda tua! Quero transar com você. Todos me ten-tam, mas só dou a você. Quero que seja o primeiro”. Sacode fora o lençol. Completamente nua. Eugênio arregala os olhos, abre a boca, aperta o pênis em orgasmo, com ambas as mãos, e sai correndo do quarto, como quem foge de satanás

A vida continua se arrastando na monotonia até que um dia... aquele zum-zum-zum, na pensão Os hóspedes a falar baixinho, cochichando. Na sala, os familiares de Dulcilene. Empregadas, nervosas. Dona Quitéria, trombuda. Sua filha, superatarefada, trançando e entrançando. Eugênio chega com seu inseparável livro de formação religiosa debaixo do braço. Glorinha achega-se. Faz-lhe um carinho. Gargalhadas, risinhos abafados, olhares de esguelha. Eugênio apenas sorri, abobalhado. Procura entrosar-se, procura palavras. Nada. Branco total. Dona Quitéria faz a apresentação dos familiares de Dulcilene aos hóspedes e arremata dizendo que a presença deles é por causa dos acertos finais para o casamento “de nossa querida Dulce’.

Um a um os comensais vão se retirando. Na sala fica somente Dulcilene, sua família e Eugênio, com seu inseparável livro de formação religiosa. Dona Quitéria chama Eugênio, e o apresenta aos familiares de Dulcilene, um a um. Todos o fitam, admirados. A irmã

de Dulce, quase com nojo; os irmãos, carrancudos; a mãe, aflita; o sertaneirão, amuado. Ríspido e seco.

Então é esse o tal de professor Netinho?

Eugênio, sem palavras. Branco total, engolido por sua timidez. Por fim, tremendo os lábios e roendo as unhas, consegue articular uma desculpa e diz que não é professor coisa nenhuma, que é bondade delas duas, que todos já de-vem ter notado que as duas gostam demais dele, que ele é, apenas, um simples empregado do comércio. Que... que... que... Glorinha toma a palavra e diz que é moléstia dele. Que o Eugênio, Seu Fortunato, é uma capacidade. Preparado, inteligente e, além do mais, gosta muito de... Dulcilene atalha, furiosa.

Glorinha, eu não lhe disse para não... Papai, quero falar com o se-nhor e a mamãe. Só nós três. Saem.

Eugênio fica sem jeito, mexendo a cara, fazendo bico, tremendo os lábios, careta de abes-talhado. Glorinha se aproxima, voz melíflua: Não ligue, professor. Venha comigo. Depois ela volta. Eugênio olha enternecido para Glorinha, beija-lhe a testa paternalmente e dirige-se para seu cubículo, arrastando-se pesado, mordido de aflições. Exausto, vencido, sem ação, deita-se.

Recordações várias começam a povoar sua mente e fica matutando, matutando, recordando... recordando...

...Tenório pelo quarto, de um lado para outro, ora estalando os dedos, ora fechando a mão direita e dando sucessivos socos na esquerda aberta. Saindo apressado. Alaíde o chamando, à porta de seu quarto, e o arrastando para o interior da pensão. Gemidos baixinhos, acompanhados de fungados e gritinhos de dor. "É Tenório e a Dulcilene. São loucos. Logo mais Tenório surgindo apavorado, circunciso, sangrando enormemente.

...Dulce deitada em sua cama de sol-

teiro. Que é isso, Dulcilene? Que faz aí, deitada? Cansaço? Não, não vá embora. Não saia. Fique comigo. Senta aí, na beira da cama. Tá com medo? Puxa o lençol um pouquinho, mostrando as pernas e coxas. Suspira, espreguiça-se, faz com que o lençol deslize, descobrindo os seios. Sacode fora o lençol. "Vem! Sou toda tua! Quero transar com você. Todos me ten-tam, mas só dou a você. Quero que seja o primeiro".

Eugênio concentra-se em seus pensamentos. Cenas passadas insistem em povoar sua mente. Sua memória, em fita cinematográfica, apresenta-lhe situações que agora são enfocadas de maneira mais clara. Tenório no momento quando apareceu sangrando, logo após ter sido flagrado no quarto com Dulcilene. Dulce a se oferecer, a lhe ofertar a virgindade. Quero que você seja o primeiro. Todos me tentam, mas só dou a você. Só dou a você! Só dou a vo... Levanta-se de um pulo.

O casamento da Dulcilene! É isso! O casamento da Dulce!

Abre a porta do quarto e ouve a voz desesperada de Dulcilene: "Caso não, Mamãe! Nem morta!

Eugênio assoma à porta do salão de jantar e se depara com Dulcilene no meio da sala, mãos nos quartos, uma fera. Pára, apalermado, boca aberta, olhos esbugalhados.

Dulcilene senta-se no colo de sua mãe, aconchegada, e lhe pede, quase chorando.

"Por favor, mamãe! Nem Morta! Veja. Olhe praquilo ali! Um babaca!"

Recife. 1957

O BILHETE

Universitários em férias, reviravam a cidade às avessas. Festas, reuniões li-

terárias, serestas, convescotes. O ca-sal recém-chegado era a sensação do momento. Casal-simpatia, todas as brincadeiras tinham que contar com a presença dela. Ele, no trabalho. Ela, dona do pedaço, só brilho e liberdade de colibri.

De longe seu Hortêncio vê a garotinha brincando na praça com seu primogênito que, todo alegria, ri sacudindo os bracinhos e as perninhas contentes. Já se conhecem há tempos. Ela é caidinha pelo bebê. Ao ver seu Hortêncio sai correndo à toda, pezinho batendo na bundinha, chega, quase sem fôlego. Entrega o bilhete e volta em cima dos pés. Seu Hortêncio pega o bilhete. É para sua esposa. Segue seu caminho, quase calmo... mas o bilhete começa a queimar o entendimento. Queima-o também a curiosidade. É vencido pelo aguilhão da desconfiança. Abre o bilhete e segue caminho, andando e lendo.

.x-.x-.x-.x-.x-.x-.x-.x-

Partiram de afogadilho, sem aviso. Na estrada, nenhuma palavra. Só o barulho do motor, do vento e dos pneus, rasgando o espaço, engolindo o asfalto. Árvores passam, velozes. As plaquetas de sinalização voam. Não se respeita buraco, nem estrada ruim. O corcel ronca na subida das ladeiras e quase se desconjunta nas descidas, sem re-fresco, sem alívio.

Bem, para que essa pressa toda?

Silêncio.

Só se foi ...

O carro continua em sua carreira furiosa. Olha a placa, bem! Na curva perigosa derrapa, canta pneu, balança de um lado para outro, vai-lá-vem-cá... e, por fim, estabiliza. Cheiro de borraça queimada, mas a correria louca continua. As três pontes pequenas, uma após a outra, passam num assobio. A mata fechada de carnaúba, também. O açude e aquele corte no boqueirão se

aproximam velozes. Num átimo o carro engole os 750 metros da ponte que estremece, perigosamente

Que loucura é essa, bem?

O bilhete, no bolso da camisa, queima Apalpa-o de vez em quando. A força de sua raiva pesa no acelerador e o carro continua disparado, loucamente, engolindo a estrada, as casas, a mata, os barrancos. Tudo passa, voa, doidamente.

A mão esquerda apalpa o bilhete no bolso da camisa.

Bem, estamos indo para a casa de papai, não é? Uma surpresa?

É.

Pois eu pensava...

Não pense. Posso não gostar do perfume.

Puxa!... Como você está bruto!

* * *

Um freio brusco marca o fim da jornada. Buzinadas irritantes fazem com que o pessoal da casa acorra. A mão direita sacode o bilhete, acenando para o sogro. Nem desce do carro.

Tome. Leia.

Engata uma primeira e arranca, cantando pneu. Zilma entra em casa aos prantos.

Itapipoca, 1962

INOCÊNCIA

O vovô cansou de acompanhar as travessuras dos meninos. Suas inúteis tentativas de apedrejar as lagartixas. Isolou-se em seu mundo de leitura. Pôs na cara os óculos-para-perto, 8/10 graus, lente de aumento.

Vô, vem vê os peixinhos!

No tanque, eles brincavam, nadan-

do de um lado para outro, driblando pedaços de tijolo, pedras... rompendo lodo, perretil, por baixo de planctons e orquídeas. Com a zuada da netinha, três anos, se esconderam. Se mandaram, vô!

Olhe que você não estava vendo.

Tava, vô. Tinha uma grande “assim”! Grandona!

Menina! Desse tamanho?

Tinha, vô!

Batia o pé. Colocou os dedinhos nos lábios e... Psiu!... Pssiiiiu!... Calado, vô, qui elas voltam. Elas, porém, nada.

Vô, tá vendo aquela pedra grande? Sim. Elas saem daquela loca. Logo depois, falando baixinho: “Vô!...Vô!... Olhe um pequenininho saindo de dentro daquele tijolo furado. Tá vendo, vô? Não! Ali!...Aliii!...

O avô não enxergava nadinha...ou fazia que não enxergava nadinha. Também... né, vô, são tão pequenininhos!

Passaram-se alguns instantes de silêncio sem nada acontecer, até que, repentinamente... Vô, olhe agora. Tá vendo aquele grandão por trás da pedra? Daquela pedra grandona, ali no canto do tanque?

Era uma carpa dourada, a maior delas, à qual o avô dera o nome de “Minha Deusa”.

Tá vendo, agora, vô? Onde? Ali, vô! Ali. Ali! Onde? Não vejo nada! A netinha agarra, então, o avô, pelas orelhas, com ambas as mãos, apruma seus olhos na direção do peixe...Tá vendo agora, vô?

Ante a negativa do avô, encara-o com firmeza. Olha bem de perto aqueles óculos enormes, “lentes-fundo-de-garrafa” e, então, arregala seus grandes olhos negros e ordena:

“TIRA OS ÓCULOS, VÔ!

Icaraí, 1985.

FADINHA TRAVESSA

Heitor volta para rever a casa de praia de Icaraí, o jardim, os tanques de peixes, o coqueiral, o barco, a churrasqueira, a colônia de pescadores, o clube, as barracas da praia, a suíte. Demorase a olhar para a cama de casal. Sagrada.

Entra um pouco, percorre todos os recantos do casarão. Volta ao alpendre e fica se balançando numa rede, sozinho, olhando para aquele marzão, só dele. Deixa-se ficar ao sabor dos pensamentos. De quando em quando, ri gostoso, lembrando. Churrascos, pescarias, jogo de sinuca, as meninas, bolinações...

Quando a conheceu havia chegado de seu passeio na praia, armara a rede, preparara o barzinho portátil e estava providenciando uma dose, quando é pego de surpresa pela passagem de uma sombra de menina, quase se despedaçando, pezinhos batendo na bundinha. Logo mais, lá vem ela, toda afogueada, saltitando, dançando, requebrando. Vem cá, diabinha! Nem te ligo! Parte como um foguete. Pára. Volta-se. Põe as mãos na cintura e dá língua pro doutor. Hum!

Heitor traz o gelo e a garrafa para perto da rede e deita-se. Pega uma página do jornal. Privatização da Eletrobrás. A pestinha baila ante seus olhos. Sua silhueta brincando nas páginas do jornal, lembra. Cresce em “close up” lhe mostrando a língua. Recua. Pára no portão. Põe as mãos nos quartos. Nem te ligo!. Requebrando sai correndo/

.X-.X-.X-.X-.X-.X-.X-.X-.X-.X-

Ela chega de mansinho, admira o padrinho todo à vontade. De sunga. Quase nu. Ressonando. Olha de um lado para outro, ladeira acima, ladeira abai-

xo. Ninguém. De Joelhos ao lado da rede, seus lábios procuram os lábios de Heitor. Desiste. Levanta-se e vai às pressas até a cozinha. Trata os peixinhos, tempera e os põe no forno para fritar. Volta para seu oratório de admiração, de joelhos ao lado da rede.

Relembra suas danações, desde pequenininha. Lembra insinuações, quando já crescidinha, menina-moça, mini-saia, barriguinha de fora, sem sutiã...

“Padrinho já sou moça”. ...abrindo a blusa, de par em par, mostrando-lhe os seios, o padrinho colocando cédulas no decote atrevido, As mãos dele apalmando-lhe os seios, dedos bolinando as pontinhas dos mamilos, peitinhos reagindo, empinando. Intumesciam. Todo o busto arfando. Será que o padrinho nem via?

Relembra quando, nos seus quinze anos, fingindo que não consegue abotoar o fecho do colar o padrinho fica se esfregando por trás, enquanto com seus dedos lhe faz cócegas nos mamilos. Lembra-se que soergueu o cabelo com ambas as mãos, os braços levantados de propósito para folgar mais ainda o já oferecido e tentador decote do vestido para que padrinho visse seus seios. Lembra-se que, abotoado o colar, o padrinho a vira de frente e a beija, nos lábios.

Elisângela força o beijo nos lábios de Heitor. Ele se mexe um pouco. Começa a fazer-lhe cócegas nas plantas dos pés. Ri, quando ele estremece. Continua brincando. Com uma palhinha coça-lhe a ponta do nariz. Desata a rir, quando ele funga e espanta o suposto mosquito. Passa as mãos em seus peitos, delicadamente, carinhosamente. Faz cachos na rodilha daqueles pelos volumosos, másculos, acariciando-os. Beija-lhe, de leve, os lábios carnudos. vermelhos. Heitor abre um pouco os olhos, espreguiça, ouve o barulho de passos apressados e vê um vulto se afastando. Senta-se às pressas na beirada da rede, esfrega os olhos e levanta-se de um pulo

ao ouvir a voz de Elisângela chamando-o. Vem Estou aqui.

Heitor levanta-se de um pulo e sai a procurá-la pela casa toda. Encontra-a deitada na cama de casal. Puxa a toalha que a cobre. Elisângela, Eva no Paraíso, é uma “Fascinação” a lhe ofertar maçãs

Icarai, 1980.

A ÚLTIMA CARTA

Era uma tarde sombria, morna. Pardacenta e feia. Nimbos aterrorizantes se acumulavam pelas bandas do nascente. Relâmpagos, trovões Preanunciava-se uma noite escura de borrasca. Do 6º andar, ele olhava tudo, acompanhava tudo. Sentia tudo. Aquele torpor, aquela morbidez de um mundo parado, tenebroso. Aquela sen-sação de abandono e desprazer. Tudo morno, sem graça, massacrante.

Tio, mamãe viajou e deixou uma carta pro senhor. Chego já aí.

Venha logo. Vai chover.

Para matar o tempo, pegou um calhamaço de cartas dela e começou a relê-las.

“Queria tanto repartir contigo o medo do trovão, o medo do escuro, o medo de fantasmas. Queria te dar minha infância, minhas primeiras emoções, meus sonhos de criança, minhas fantasias de adolescente, minha virgindade.., tudo. Eu teria te dado tanto, no passado. Hoje, tenho tão pouco para te dar! Todas as reservas se esgotaram pela vida afora, muitas perdas pelos caminhos...”

“Poeta eu? Não brincques! Qual essa! Não sou escritora, nem in-telectual, nem poeta. Apenas sinto. Se me vês poeta, é

que de mim o fizeste. É a tua vida em mim!”

“Hoje estou feliz. Hoje só, não. Sou feliz. A gente só pode encontrar as alegrias do mundo lá fora, depois de encontrá-las dentro da gente. Foram trinta e dois anos... e ainda sinto a alegria de ter-te encontrado. E foi uma alegria imensa. Estou em nova fase. Desliguei a neblina.

“Mergulhei fundo, sem medo do que encontrar. Enfrentei o mergulho e fiquei feliz com a descoberta: ENCONTREI-TE. És minhas gotinhas. A natureza é sábia e lança, de vez em quando, gotinhas de felicidade e alegria: no sorriso de uma criança ao acordar feliz de seus sonhos celestiais; nas flores amarelas que se abrem no espinheiro dos cactos; no eterno esperar e na descoberta do tesouro. Gotinhas de luz e de estrelas; de um passado feliz; do reencontro. Encontrei-te. Encontrei minhas gotinhas. Encontra as tuas.”

Gotinhas de chuva molhavam as janelas de vidro, no 6º andar daquele edifício, “brincando de fazer cobrinhas” nas vidraças... naquela tarde sombria e gélida, pardacenta e feia.

Com uma carta na mão, a filhinha de Gislene entra como uma bala pelo corredor, de braços abertos, aos gritos:

Tio! Tio! Tio!

Aquele abraço gostoso da Inocência e da Confiança! Entram agarradinhos, ela o apertando fortemente, ele rodopiando com ela em seus braços fortes, como sempre faziam. Caem, felizes, a gargalhar, no sofá-cama. Não. Ela não sorri. Não gargalha. Não está feliz. Sofre. Ten-

ta fa-lar, o pranto a engasga. Chora copiosamente, desesperadamente. Os soluços quase a sufocam.

Calma! Calma, Regina!

Acaricia-lhe os cabelos, enxuga as lágrimas. Mantém sua cabecinha enterada em seus seios. Os soluços vão-se espaçando. Agora, só tremores e suspiros abafados. Levanta suavemente sua cabeça, fita-a nos olhos cheios d'água, beija-lhe a testa e as faces. Mais calma, ela passa as costas das mãos pelo rosto.

Foi o quê, filha? O namoradinho lhe deu um fora? Acabou?

Não, tio. Não é isso, não. Antes fosse. É que... — Recomeça a chorar.

Não! Choro de novo, não! Vamos. Diga o que foi.

Seus lábios tremem descontroladamente; As lágrimas voltam-lhe aos olhos mais dolorosas ainda e as palavras-de-choro saem de sua boca em espasmos de dor, quase convulsão:

— Tio, mã... mamãe morreu num desastre de avião. Deu, agorinha, na TV.

* * *

Regina permanece agarrada a ele, inconsolável. Os braços enroscados em seu pescoço, a cabecinha atolada em seus seios e uma torrente de gotinhas amargas a lhe cair dos olhos, ensopando a camisa do tio.

Pedacinhos de papel começam a cair e vão coalhando, aos poucos, o assoalho.

Recife, 1987

Higino Rolim Neto:

<http://www.secrel.com.br/jpoesia/hrolim.html>

<higino@daterra.com.br>